



P'RA VOCE

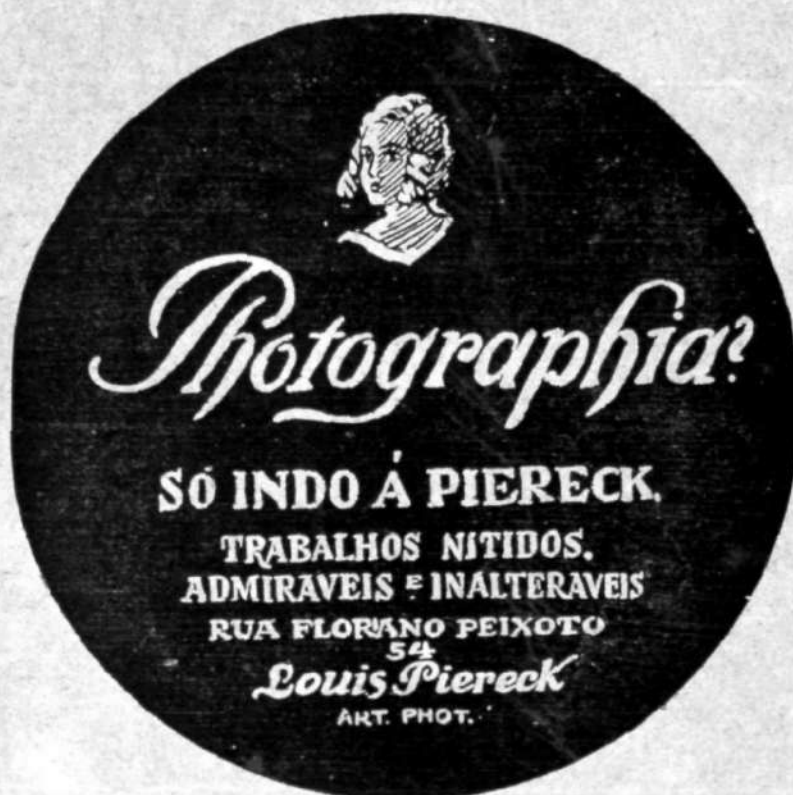
revista semanal ilustrada

DIRIGIDA POR
WILLY LEWIN
LUIZ C. AYRES

PROPRIEDADE
DA EMPRESA
DO "DIARIO DA MANHÃ"
RUA DO IMPERADOR 227 - RECIFE

PREÇO

1\$000



Photographia?

SÓ INDO À PIERECK.

**TRABALHOS NITIDOS.
ADMIRAVEIS E INALTERAVEIS**

RUA FLORIANO PEIXOTO

54

Louis Piereck

ART. PHOT.

O museu do Arco do Triumpho

Vejamos como relata Carlos Kunstter uma visita ao dito museu.

"Pensei — disse — encontrar as lembranças que ha annos são depositadas no tumulo do Soldado desconhecido. Para recolher-me mais, preparar-me melhor á emoção que ia receber, não quiz tomar o ascensor (carregado de estrangeiros) e subi as compridas escadas.

"Não havia ninguém na estreita passagem ascendente, illuminada por uma triste lampada. A' debil luz dessa lampada, detraz de uma porta envidraçada, percebo uma sala quadrada onde estão amontoados, entre jornaes amarellecidos, palmas de prata, corôas de perolas, laureis de bronze, cintos que foram tricolores, placas de marmore, sobre as quaes se lê: A nosso querido Soldado".

Tudo isso revolto, oxygenado, empoeirado e cheio de telas de aranha...

"Não ha engano possível. Estas são as lembranças depositadas sobre o tumulo do Soldado Desconhecido.

Porém... e o Museu?

"Continuo minha ascensão — prosegue o chronista parisiense — e chego a uma grande sala de paredes brancas.

"E' o Museu!

"No meio da sala um busto de Napoleão em marmore branco e ao redor muito espaçadamente, bustos de

generaes do imperio, inexpressivos e sem nehum valor artistico. Nas paredes algumas gravuras bastante mediocres representando feitos napoleonicos, copiando mal os quadros do Louvre e de Versailles. Essas gravuras são para vender?...

Num canto do vidro que os protege, rectangulos de papel branco recém-pregados, cobrem as etiquetas que, hontem apenas, marcavam os preços... Porque toda a imprensa se indignou, no dia da inauguração ao ver que se havia annunciado ostensivamente o preço de cada gravura.

"Este museu, p'ra dizer a verdade, parece mais um bazar! Num escriptorio bastante amplo estão amontoadas as medalhas, as placas de bronze, as gravuras coloridas (o 1814 de Messonier entre outras), livros, entre os quaes se nota o discurso de Lyon pelo tenente Napoleão Bonaparte.

"Desço. Eis-me junto ao tumulo do Soldado Desconhecido.

Está lindamente florido. A chamma arde. Os estrangeiros, levando apetrechõs photographicos estão sentados em volta do tumulo de chapéo na cabeça. Fallam em voz alta, discutem sobre o plano de Paris e sobre o passeio que vão proseguir"...

Tal é a reprodução fiel da descripção feita pelo periodista francez sobre o Museu do Arco do Triumpho...

La Fontaine nunca conheceu o amor

Deveremos acreditar que La Fontaine esqueceu e desprezou as mulheres? Nada disto. Viveu no meio de "cotillons". A fantasia e a graça femininas encantavam-n'o, porém o amor é assumpto que exige alguma coisa mais.

Jean de La Fontaine era extremamente negligente. Este grande distraído jamais soube concentrar toda a sua atenção numa mulher e dar-se ao trabalho de amal-a. Teria sido demasiado esforço para um sonhador. Contentou-se, pois, em ser um excellento amigo de todas as mulheres que conheceu, com alguns amores inglorios por modestas serventes, entre as quaes conta nomes tão bellos como Chlôris e Amarillis. O trabalho minimo e a maxima satisfação. A verdadeira felicidade de um epicureo. Elle proprio disse: "Os delicados são desditosos".

Quaes as mulheres que passaram pela vida de La Fontaine?

O poeta estreou na carreira amorosa sob o benevolente olhar de seu pae, em Chateau-Thierry. Entretanto, seu casamento constituiu, talvez, a mais desventurada das suas experiencias amorosas. Aos vinte e seis annos casou-se com Marie Héricart, de dezesseis. Não se amavam nem se amaram.

Supportaram-se quinze annos, enganand'o-se abundante e frequentemente até que, sem lamentações e sem ruido, optaram pela separação. E desde então ninguem soube uma só palavra sobre Mme. La Fontaine.

O marido solitario, pouco cuidadoso no que a regras de moral se refere, começou a procurar uma amiga que o ajudasse. Foi, assim, companheiro assiduo e devoto, ainda que sem amor, de muitas damas: a duqueza de Bouillon, para quem compoz seus contos licenciosos e encantadores; a de la Sablière, que por espaço de vinte annos foi companheira do fabulista; madame de Herwart, uma nova Sylvia que, sem elle perceber, mudou-lhe as roupas por outras novas; finalmente, madame Ulrich.

A todas estas Clímenes da sociedade parisiense, nosso fabulista preferiu sempre suas campestinas, que não necessitavam de amórosos suspiros.

Ninón de Lenclos que o conheceu, escreveu: "Duvido que exista um philtro amoroso para La Fontaine".

O grande poeta teve muitas amigas e nenhuma amante. E' sabido que as mulheres confundem o amor com a amizade. E' difficil, além disso, passar de um para outra.

Em todo caso, é preciso maior perseverança, o que não era peculiar ao poeta, que passava de bom grado a metade do dia no leito e a outra metade sem fazer nada.

E La Fontaine contentou-se em fallar incessantemente do amor sem jamais o ter conhecido... Homem pouco escrupuloso no que se referia á voluptuosidade conservou, entretanto, intacto o seu coração.

Sabão Marmorizado DA SABOARIA FRANCEZA

O LEGITIMO SABÃO
MARMORISADO TEM EM
CADA BARRA A MARCA

"MARMORISADO L. B. C."

□
Não corta o tecido e, pelas suas boas qualidades saponaceas, é sempre o preferido

ECONOMICO, UMA BARRA VALE POR TRES DE QUALQUER SIMILAR

□
FABRICANTES:

Loureiro Barbosa & Cia. Ltda.

RECIFE

Os melhores caramellos e balas de fructas



são da fabrica **Beija-Flor**



A rainha Victoria de Inglaterra e a morte do principe imperial francez

A rainha Victoria achava-se no Castello de Balmoral quando, em 19 de Junho do anno de 1879, chegou a noticia da morte tragica do principe imperial francez, a quem os azues haviam assaltado.

A princeza Beatriz entrou em seus aposentos com o telegramma na mão :

— O jovem principe francez foi morto.

"Sinto um calafrio de horror, escreveu a rainha Victoria em seu "Diario". Morrer de uma morte tão horrivel! Pobre, pobre querida Imperatriz! Seu unico filho! Seu tudo perdido para sempre! que prova! Sinto-me na mais profunda afflicção! Só me deitei de madrugada e não dormi".

No dia seguinte a rainha proseguia :

"Noite horrivel; agitada; perseguida pelo pensamento desse horrivel feito, vendo constantemente deante de mim esses espantosos azues! Pensando na pobre Imperatriz que nada sabe ainda."

No meio desses tristes pensamentos, a rainha foi obrigada a fazer seus preparativos para regres-

sar a Londres. Esperavam-n'a alli para cêlebrar o 42.º anniversario de sua coroação.

"Não penso sequer nessas festas, em presença dessa catastrophe," escrevia tambem a sensivel rainha e imperatriz

Mas, a rainha Victoria partiu com a princeza Beatriz, e por um contraste deploravel do destino, foi recebida por toda parte com aclamações e flores. Porém seu coração estava como enluctado. Não podia afastar de sua mente o doloroso feito.

E' horrivel, é monstruoso — escrevia tambem — Pensar que esse jovem tão querido, o mais precioso thesouro e a alegria de sua mãe tenha morrido tão horrivelmente...

E como explicar que seus companheiros de armas não o tenham defendido?

Foi devido a essas palavras, escriptas pela grande rainha, que a historia contempla como um feito lamentavel e ertóneo o fim do jovem principe imperial de França.



Meias Manon

SÃO AS PREFERIDAS PELAS
ELEGANTES POR SEREM AS MAIS
FINAS E RESISTENTES.

PREÇOS AO ALCANCE DE TODOS

A VENDA EM TODAS AS
CASAS DE 1.ª ORDEM

Representantes exclusivos:

Alberto Fonseca & Cia. Ltda.

AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA, 122

RECIFE - PERNAMBUCO

O Japão em Pernambuco

A CASA MAIS POPULAR DE PERNAMBUCO



MEZ MARIANNO E FESTEJOS SANJOANESCOS

Grande sortimento de artigos
para ornamentação de EGRE-
JAS e Salões de Festas :

Balões, grinaldas de papel,
sombriinhas de papel, bandei-
rinhas, cordões de palha, resposte-
ros de palha, Esteira, porta-car-
tões, abat-jour papel crêpe,
papel de seda etc., etc.

Chegaram novas remessas :
Veinhas defumadoras contra
muriçocas, Porta-pratos, chinel-
los, NOVIDADES EM BRIN-
QUEDOS.

Rua Diario de Pernambuco, 123



A MULHER — Jorge, Jorge, desperta !

O MARIDO — Não posso.

A MULHER — Por que ?

— O MARIDO — Porque não estou dormindo.

DÊ NE BISE
OS SEUS PÉS...
O CALÇADO



ENCONTRA-SE
Nas principais sapatarias

para
você...

Do livro de apontamentos de um observador displicente

RECIFE

A cidade é uma cidade de heroes. Os heroes morreram, mas todo o mundo conversa com elles na maior das intimidades. Os telephones usados são os livros de poemas, as sessões commemorativas nos cenaculos de letras e os discursos academicos.

BAHIA

Se a gente rezasse, todos os dias, numa missa diferente, os templos não seriam repetidos. A cidade é uma delicia cheirosa de comidas regionaes. Mas os seus filhos progressistas resolveram construir um super-dinamico elevador de cimento-armado em homenagem ao senhor Renato Almeida.

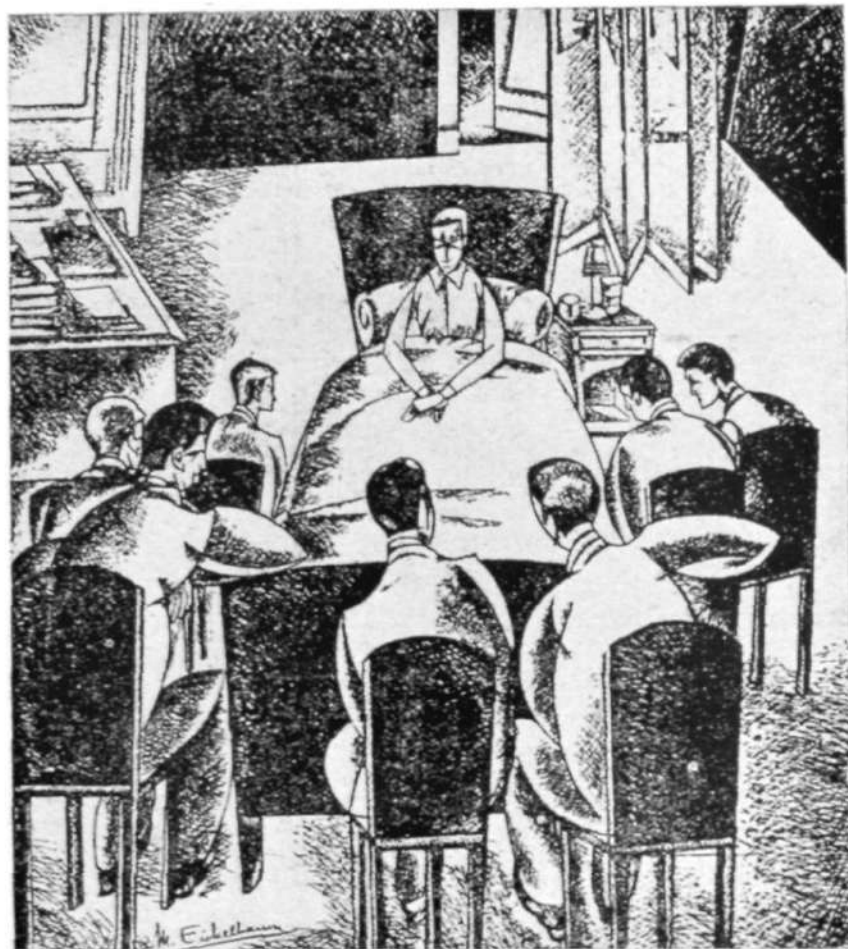
RIO DE JANEIRO

O Pão de Assucar é um monumento dedicado ao turismo internacional. Copacabana afirma que é irmã gêmea da Riviera e mostra documentos comprobatorios ás pessoas incredulas.

S. PAULO

O "grillo" a cavallo no Largo do Patriarcha illumina o mundo e os olhares gostosos da italo-brasileirinha que mora no Braz.

W I L L Y L E W I N



OS SETE AMIGOS DO HOMEM QUE MORRE

1

Vi um doente que ia morrer de sua enfermidade. Está no fundo da scena, esperando. E agora percebo o sentido dessas palavras: homem maduro. E' natural: abrandam-se-lhe os tecidos no longo verão das febres; sob a cobertura dolorida de musculos e de artérias, o esqueleto ri, preparando sua liberdade.

Os amigos do homem que vai morrer olham-n'o fixamente. A doença paira no ambiente: está no jarro d'agua que transuda, nas cortinas que se movem pesadamente. As coisas ocupam seu lugar de um modo diverso do habitual. E somos sete amigos juntos do enfermo. E todos estamos em grave segredo: sabemos com precisão a fórmula de seu crânio amarelo e a brancura de suas phalanges dispersas.

Os sete homens vivos permanecemos serios. Com seriedade tratamos de distrahir o homem que morre. Porém, sobre nossas cabeças ha outros sete homens que se olham, piscam-se os olhos e riem estrepitosamente.

2

Foi um de nós que disse: "Amigos, está tudo acabado". E, entretanto, quáo semelhante a um homem vivo é um cadaver, quáo semelhante é o seu corpo de um homem que olha e que canta!

Estamos aqui, os sete homens, empenhados na estranha tarefa de cerrar a bocca e os olhos de nosso amigo, para quem tudo acabou, tudo morreu. Pelo menos, é certo que o sentir e o dizer morreram para elle. O sentir e o dizer, como nós o entendemos, como todos aquelles que não abrem a bocca inutilmente, e se informam do mundo com o olhar attento. Do mundo que, para nós, ainda não morreu.

Porque vemos que nos imita, e em verdade, parece-se com nossa carne viva sua materia sem echo.

Dorme seu coração sem calor, sem sonho; porém é o mesmo homem que apertava a mão de seus amigos. Perdeu a voz, a habilidade do movimento, porém, é o mesmo homem que tantas vezes disse "até amanhã" e cumpriu

sua promessa de voltar. Já não quer, não póde, porém, é o mesmo homem que podia e queria alegremente.

Parece-se com algo mesmo. E estamos aqui, os sete amigos, empenhados em destruir essa espantosa semelhança: cerrando-lhe a bocca, cerrando-lhe os olhos, occultando-lhe esta ficção grosseira de seu ser anterior, este montão de carne sem resposta, para quem tudo acabou. Já não goza trabalho nem descanso. Seu corpo já não goza a alternativa do dia e da noite. E não póde dar nem pedir sobre a face da terra.

Por isso é licito occultar-l'o: é nos permitido construir um enterro profundo, estreito, estricto. E tapar-lhe a bocca com terra, os olhos com terra, os ouvidos com terra.

3

Lembramo-nos delle no meio de uma festa que o teria divertido porque elle gostava de vinho e da dança. E abandonamos a dança, e deixamos o vinho para pensar nos ultimos dias de sua vida, nos primeiros de sua morte. Comprehendemos que não eram formulas de amizade aquella intima alegria de nossa saude ante seu corpo enfermo, nem o asco, o odio que suscitava em nosso espirito a visão de sua morte.

Recordamos o pranto que havia pelos quartos, a dor dos que, com elle, compartilhavam o sangue e o nome, a dor do amor na ausencia. E meditamos sobre o seu nome, ausente agora da terra. Seu nome, o nome que usava. Agora serve-nos para designar sua lembrança; porém tambem existe fóra de nós outros, tambem existe na comprehensão de si proprio. Era sua carne que o manifestava a nossos olhos, porém, antes que sua carne o percebesse, já estava impresso nella. Antes de ser designação era significado, e continuava sendo-o. Amor, antes de amar; amor impuro, antes de amar com má inclinação.

Pronunciemos seu nome, porque ainda existe e ainda póde ser reconhecido.

Esteve, forasteiro, entre nós. Antes de se ir embora deu expansão a sua impureza com o vinho e a dança; porém ainda existe e póde ser reconhecido.

Há de se estar lavando na justiça, porém obterá misericórdia e póde ser reconhecido.

Demos-lhe a amizade que tivemos e não soubemos empregar; recordamos o seu nome.

Roguemos pelo seu nome; peçamos pela vida de seu nome, pela limpeza de sua alma, pela belleza de seu corpo no dia do Juízo.

A N T O N I O V A L L E J O

(Ilustração de M. Eichelbaum)

diz-se...



* O joven poeta de oculos romanticos e longa cabelleira anelada, "fan" absoluto do cinema sonoro, abandonou, domingo ultimo, os seus companheiros habituaes.

Estes, reunidos no luxuoso "hall" do Parque, esperavam o poeta e o momento em que as portas se abrissem, dando cahida ao publico numerosissimo que, lá dentro, se deliciava com o "charme" parisiense do inconfundivel Maurice Chevalier.

Finda a primeira sessão, todos procuraram bons logares na platéa.

Foi quando o poeta franco-ala-gão descobriu o companheiro desgarrado, comodamente installado na quarta fila, entre duas encantadoras creaturas: a priminha e a amiga da priminha.

E ainda mais: O poeta franco-ala-gão observou tambem que o rapaz de longos cabellos negros havia raspado o seu já celebre bigodinho, talvez para tornar mais completa a extranha transformação dos seus habitos.

* * *

* Os amigos do compridissimo ensaista e academico de direito desejam conhecer a significação daquelles telephemas diarios com uma certa garotinha de doze annos e meias curtas.

Será isto mais uma "attitude" do incorrigivel "blagueur", ou desejará elle fundar um jardim-de-infancia?...

* * *

* Tem sido muito notada a ausencia do joven musicista, "habitué" infallivel das segundas sessões do Parque.

Os que conhecem o seu romanticismo agudo opinam por um novo "caso" amoroso.

Outros mais prosaicos, formulam a hypothese de uma possivel "gripe".

E como é sempre mais elegante e mais poetico admitir o primeiro caso...

* * *

* Parece que mille duvida da sinceridade do seu "pequeno".

E para certificar-se das suas suspeitas, imaginou um plano diabolico: fez com que uma amiguinha telephonnasse diariamente ao rapaz, fazendo-lhe verdadeiras declarações de amor.

Diante do "trote", elle fez o que todo o mundo faria em identicas circumstancias: Gastou algumas phrases lyricas sem graves consequencias.

Como se vê, trata-se apenas de uma brincadeira innocente.

E não ha razões que justifiquem o ciúme de mille.

* * *

* Mille, já foi o lindo sonho moreno de um certo rapaz mais ou menos inconstante nos seus "flirts".

Hoje o coração deste rapaz pertence (pelo menos é esta a supposição geral) áquella amiguinha quasi intima de mille.

O mais engraçado em tudo isso é que ambas conversam sobre "elle", como se nada houvesse acontecido.

"Diz-se", entretanto, que a superioridade de mille, é puro fingimento.

Não queremos entrar em outros pormenores, mas julgamos que, fingida ou não, a attitude de mille, é perfeitamente elegante.





NO ALTO:

UM ASPECTO DO INTERIOR DO TEMPLO, DURANTE AS EXEQUIAS.

A MATRIZ DA BOA VISTA, ONDE SE REALIZARAM AS CERIMONIAS FUNEBRES.

NO CENTRO:

UM GRUPO DE UNIVERSITARIOS PRESENTES AS CERIMONIAS UM FLAGRANTE APANHADO A SAHIDA DA MISSA.



AINDA NO CENTRO:

OUTRO ASPECTO DO INTERIOR DO TEMPLO, VENDO-SE A EÇA E O ESTANDARTE DA FACULDADE DE DIREITO.

EM BAIXO:

DOIS ASPECTOS DA MULTIDÃO QUE FOI HOMENAGEAR A MEMORIA DE SIQUEIRA CAMPOS.

SIQUEIRA CAMPOS



O cavalheiro da vida sem nome

Os meus olhos são pequenos de soffrimento.
São quasi myopes de se dilatarem, espantados, para a vida.
São olhos profundamente intellectuaes.
A vida, que têm, não é a da contemplação,
em que ficam os mysticos
de olhos grandes, pallidos e tristes;
mas, uma existencia de pesquisa rigorosa,
de observação philosophica percuciente,
na qual as cousas tomam aspecto e proporções extraordinarias.
No interior das cousas deliciosas
eu encontro, o sabor amargo das luctas dynamicas da natureza.
Os grandes sacrificios das cousas em transformação perpetua.
Meus olhos pequenos vêm a finalidade de tudo nas sublimes grandezas terrenas.
A vida corre, é um movimento e passa.
Eu observo-a. Eu comprehendo-a. Eu sinto-a.
Fiquei com os olhos assim de pensar.
O cerebro engrandeceu-se neste mecanismo finalista e doloroso.
A minha visualidade apavorada
aprofunda-se em si mesma. É é, então, pensamento.
É acção immediata. Pesquisa. Phantasmagoria do real,
do positivo, do que, fatalmente,
a vida é em si mesma.
Eis ahí o traço fatalista do homem primordial,
deste cavalheiro sem nome que pouca gente conhece.

E S D R A S - F A R I A S

MATINÉES DO PARQUE



Foi com a abertura do Parque que Recife habituou-se ao ambiente luxuoso e confortavel dos grandes cinemas.
Mas não era bastante. Seis mezes depois o Parque fechava temporariamente as suas portas, promettendo uma cousa que ninguem esperava tão cedo: O cinema sonoro.
Hoje Recife pode ouvir as canções de Broadway e as vozes de Hollywood. Além disso, estas photographias mostram o que é verdadeiramente o Parque: Um dos refugios amaveis da nossa gente mais elegante.

Alain Gerbault, o Genio da Aventura

Acabo de ler numa revista franceza alguns pedaços impressionantes e deliciosos do ultimo *Journal de bord* que esse Alain Gerbault, tão cheio da volúpia romantica do perigo, publicou de volta de sua viagem maravilhosa. Uma viagem digna mesmo das paginas fantasticas das "Mil e uma noites", de tantas maravilhas impossiveis se revelem as arrojadas aventuras de Gerbault. Uma viagem própria para estremecer de gozo a imaginação dos meninos.

Emquanto os navegadores do arrepresentam com seus *raids* esse espirito mechanico de aventura do nosso seculo, Alain Gerbault, um remanescente dos tempos lyricos das navegações á vela, um verdadeiro romantico retardatario, emando o langor debucyano dum barco, acclentado como um berço pelo desvlo maternal das ondas, mette-se sosinho, numa fragil casca de nóz a arrostar-se heróicamente os obstaculos perigosos dum travessia pittoresca. E tudo isto feito com uma paixão muito intellectual pelo além, pelo desvirginamento de scenarios desconhecidos, pelos encantos imprevisitos que só a aventura sabe trazer.

Naturalmente toda essa sua irresistivel seducção da distancia vem dos livros encantadores de Joseph Conrad e Maugham e Somerset e Stevenson que fascinaram, com a belleza das suas cousas longinquas, adolescencia inquieta desse francez emocional.

E são os livros que mais conduzem á acção os seus leitores, esses livros que, actuando dum modo arbitrario exclusivamente na imaginação, levam-nos, quasi feito automatado, á pratica de actos que a nossa razão, fria e serenamente julgaria pouco mais ou menos actos sobrehumanos. Sem imaginação só ha acções mediocres. Assim é que, desde 1923, data da sua primeira aventura de New-York a Havre, Alain assumiu para mim o relevo romanescico dum personagem de Joseph Conrad.

E então já no seu jornal de mar daquella epoca, elle nos entregava, junto a um quadro fiel de sua vida solitaria a bordo, o segredo de seus sentimentos e as razões profundas do seu excepcional destino. Hoje, ao longo de seu novo livro: *A la poursuite du soleil* elle nos conduz de New York a Tahiti, sobre seu barco, famoso: *O Firecrest*.

Titulo lyricico o do *journal* desse marinheiro sonhador. Muito mais que uma allusão ao sentido geographico da viagem, o titulo *A la poursuite du soleil* lembra antes esta inspiração á vida livre, este amor meo primitivo do ar puro e da luz que se me apresenta como a mais plausivel origem de sua aventura.

Desta vez, o eremita do oceano dirigiu sua prôa heroica para mais dum porte. Sua jornada arrebatada em seus entre-actos, ou por outra, em suas escalas que dão logar a pinturas, algu-

mas mais particularmente consagradas ao decor, outras á humanidade que ahi se agita. Por toda parte, quer seja nas Bermudas ou no Panamá, nos Galapagos ou em Tahiti, Gerbault se exprime como poeta. Mas sua forma, não didactica, guarda a acção bem de perto. Nada de superfluo. Não fosse o encanto tão inedito de sua prosa, ella pareceria arida, por vezes tamanha é a sua repugnancia pelo rebuscado e pelo effeito. Nem impressionista nem convencional, nunca academica, sua prosa não é menos precisa e colorida. Seu ton? Aquelle dum homem em quem a intellectualidade não altera em nada a espontaneidade vital. Em quem a ingenuidade pittoresca da vida maritima preserva-o contra as friezas das especulações mentaes.

Podia escolher, este grande sonhador, um itinerario mais impressionante que esta serie de ilhas oceanicas? A prôa de seu barco, na poeira humida e matisada dos nevoeiros, elevase, como um halo a imaginaria ingenuidade das velhas cartas de epopéa maritima.

Navegando para Nuqu Hiva, a perola das Marquezas, Gerbault escreve: "Voleis en effet fort désireux de visiter cette ile du Nord. Bien des fois á la barre, le livre en main, j'a-

vais rêvé de la vie idyllique des ses profondes vallees, avant que l'homme blanc y vint apporter sa civilisation devastratrice."

Mais adeante, este marinheiro que é tambem um observador dos costumes, nos confessa o seu voluptuoso deleite em estudar "la différence des conceptions qu'ont du bien et du mal les diverses races, et la maniere de penser des indigènes."

Si as apaixonadas viagens de Alain Gerbault tem alguma cousa das de Cook e Bougainville, estes extraordinarios navegadores sabios e letrados, encontra-se tambem muito nelles o terno exotismo dum Bernardin de Saint-Pierre.

Mas o que pertence bem a Gerbault, o que lhe é absolutamente pessoal, é seu accento longinquo de vida interior. Vida toda feita de alegria e de encantamento. Sua imaginação, sempre voluptuosamente ansiosa na escala presente, enfuna suas velas aos sopros de esperanza dum dia seguinte mais maravilhoso.

E' curioso a gente notar como o habito da ausencia não consegue banalisar para o temperamento lyricico de Gerbault o momento dos seus adeuses ás paisagens que mais puzeram em festa os seus olhos amorosos. Gerbault se despede dessas paisagens como se se despedisse de namoradas. Gerbault é mesmo um Don Juan das paisagens. Como esse doce Pierre Loti tão impregnado de distancias e cada vez mais dolorosamente vibratil ao contacto do adeus, como se o adeus fosse um arco sobre os seus nervos de violino, Alain Gerbault é tambem um estranho e doentio dilettante da saudade. A hora tão pungente do adeus encerra para elle esse mysterio quase funebre, e do enterramento d'alguma cousa no tumulto da distancia.

Escutemos esta musica tão melancolica e tão profunda por occasião de sua partida de Tahiti:

"Comme je m'engageais dans la passe de Teavanui, une pirogue a balancier passa près de moi. A bord étaient deux indigènes qui chantaient, vêtus de simples pareus et dont les corps bronzés brillaient au soleil. C'était mes amis. Mana e Teral que rentraient de la pêche. Il me firent un triste adieu: Apae! et me supplièrent de revenir; mais déjà, pour moi, Porapora était le passé et toutes ntes pensées étaient à l'avenir".

O traço, porém, mais notavel dessa aventura está justamente nas repercursões do silencio e das solidões maritimas sobre a sensibilidade do heroe:

Como um marinheiro dum romance de Joseph Conrad, elle deve ter apprendido na hostilidade dos elementos um sentido divino de estoicismo.



RUA NOVA

ALOYSIO BRANCO



NA FEIRA

F. REBELLO

V

O

C

Ê

... Foi no "Gloria", n'uma dessas tardes marcadas para o chá onde sem haver propriamente uma combinação todos os conhecidos se encontram. — Dahi cumprimentos cruzando a sala florida, gestos borboletados de adeus, sorrisos... que a barra de espelhos apanha e deixa ver alegremente em instantâneos. ... Você entrou, delgada, risonha, perdida n'uma roda enorme de mousseline azul porcelana, como uma grande flôr. Só havia mesmo

vasia aquellâ mesa onde se abraçavam umas lindas rosas douradas, e. — não duvido — ellas estavam allí esperando por você. E você encheu de mais vida, mais luz, mais encanto a sala toda, sem se aperceber, talvez, da sua graça tão unica, tão maravilhosa, tão natural... Perto de mim, você saboreava com o prazer de um passarinho sedento o pequeno monte branco de um sorvete — constantemente, de vagarinho, com seus gestos leves... (elle

me pareceu logo como uma flôr de neve trazida bem de longe, dos pincares afiados, côr de violêta, só para você); e... nem imaginava que eu discretamente a estudava para retratar aqui nessa chronica bem copiada você, aquelle seu sorriso de pura alegria e aquelle sua simplicidade de camelia. — Agora aposto — você conhecerá você...

14—5—930.

Therzinhã Caldas.



HELENA MONTE

MISS MACEIÓ

No concurso de belleza para Miss Maceió quem venceu foi a senhorinha Helena Monte. Linda! Seus cabellos lembram os velhos capitães das ricas igrejas da Bahia. E os cachinhos de ouro fôco são a mais bonita homenagem ao centenário do romantismo. Seus olhos é que são de um castanho escuro. Perigosíssimos, Helena. Com elles a gente não pôde nem usar a velha metaphora: dois pharões. Elles só servem para desnortear os incautos...

Helena é simples. Discreta. Elegante.

Si Recife lhe conhecer fica logo querendo muito bem a você, Helena...

A Phenix Alagoana é a sociedade aristocratica de Maceió. No sabbado de Alleluia a Phenix deu um baile chic. No superlativo. Então a senhorinha Helena Monte compareceu. Com esse lindo vestido a 1830 em sêda rosa clara. E mais o seu sorriso delicioso. E a sua voz musical, cheia de sonoridades quase magicas. Voz que é uma caricia para os ouvidos e que merece um poêma mais bonito que aquelle "Quando ella fala" de Machado de Assis.

Ora, com tudo isso, nem é preciso dizer mais nada. Não houve um christão na Phenix que não ficasse encantado com Helena...

CARLOS ALBERTO



HISTORIA DE BRINQUEDO...

CONTO DE MARIO BRANDÃO

—Quando eu era um frangote que ainda não tinha nem buço, comecei a gostar de uma d. Sinhazinha muito parecida com você, disse o sr. Laurindo á noiva Antonia.

Estavam conversando no peitoril da casa grande, pouco depois da ceia, e eram noivos ha dois mezes. Acrescento que o sr. Laurindo era homem maduro e positivo, e que a noiva Antonia era mulher matuta e bonita, com vinte e três annos e uns olhos de menina que ainda não sabe falar, tamanha era a expressão de ingenuidade que os molhava a todo instante.

Antonia achou que o luar estava uma belleza. Ao que o noivo emendou que até se podia ver os cascos do cavallo de S. Jorge despenbestado nos desertos da lua. Depois accendeu um cigarro e continuou:

— A differença era um nadinha assim: d. Sinhazinha, Sinhazinha da Conceição, não me lembra de que mais, tinha um signal na ponta do queixo. E não fique zangada commigo se eu lhe disser que esse ponto final de um rostinho tão parecido com o seu, foi o maior alcoviteiro do meu namoro com D. Sinhazinha. Não se zangue porque d. Sinhazinha é defunta. E eu sou um pouquinho materialista. Não posso crer que ella esteja com o ouvido entre nós dois. Neste caso vou soltar toda a redea á lingua nessa pista em que eu cahí ha mais de duzentos mezes. E' um modo de dizer. Mas supponhamos que eu tivesse cahido mesmo e quebrado uma coisa qualquer. Adiante explicarei o desastre. Por enquanto vamos ao signal da defunta, que naquelle tempo era a mais viva das filhas da viuva Conceição. A viuva Conceição foi a minha primeira professora e quasi veiu a ser a minha derradeira sogra.

Porque eu nunca mais poderia ter uma sogra até mesmo no outro mundo se uma desgraça não me viesse livrar de outra muito peor.

Podia explicar logo essas duas coisas que lhe encheram os olhos de espanto. Mas tenha paciencia. O desastre em primeiro lugar.

Pois bem! D. Sinhazinha um dia me botou nos dedos o signalzinho do seu queixo com a mesma serenidade com que a mãe me botou a Carta de ABC nas mãos, quatro ou cinco annos atraz. Era natural que eu ficasse serio tambem. Fiquei serio e impaciente, suando, de cabeça baixa. Foi o meu primeiro supplicio de amor. E não foi o ultimo. Duas, três, oito, vinte e tantas vezes eu fui obrigado a fazer cocegas no signal da moça. Entretanto só sentia vontade de beliscalo, como se aquillo fosse um pirralho chorão.

Uma vez, porém, eu notei que d. Sinhazinha era bonita. Era bonita e cheia de alvoroço. Então eu me apaixonei perdidamente. Ou melhor nós nos apaixonamos perdidamente. Mas

a paixão enguliu a nossa intimidade, tão depressa quanto uma gallinha engole um grillo. Dahi por diante a minha unica preocupação era dar um beijo na bocca de d. Sinhazinha. Levei dois annos para dar esse beijo. E foi o signal que me ensinou o caminho. Desta vez não precisei que ella me puxasse. Eu mesmo fui subindo, fui subindo, muito cançado, até o pontinho preto da ponta do seu queixo. Dahi para a bocca foi um salto. Tive uma especie de vertigem. Cahí nos braços de d. Sinhazinha. E cahí tão desastradamente que os meus olhos se quebraram.

Naquelle tempo eu usava olhos para melhor deste meu estrabismo. Está explicado o desastre. Agora vou ver se posso explicar a desgraça que me livrou de outra muito peor.

Estava de casamento marcado. Já não era mais frangote. E d. Sinhazinha perdera o "dona" na minha bocca, para ficar sendo minha noiva Sinhá.

Eu plantava mandioca com o dinheiro que o velho ia fornecendo com trinta mil recommendações. Dizia o velho que eu tinha de arrancar allí o dinheirão que elle gastara atoa commigo, durante quatro annos de

vagabundagem e insubmissão nos collegios da Bahia e de nenhum sahi bem, nem com os livros nem com os professores. Porque não tinha paciencia de ficar sentado dois minutos. Dahi uma repreensão, um castigo. Eu não me conformava e mandava todo mundo para o inferno. Alguns me bafiam e todos acabavam me expulsando. Levei muita surra de meu pae, mas consegui o que desejava: fui plantar mandioca para casar com d. Sinhazinha.

Minha noiva Sinhá morava em Berimbão. E da fazenda de meu pae até Berimbão, andava-se uma boa legua de beijo. Toda boquinha de noite, quando eu voltava do serviço, corria até lá. E de tanto conversar com Sinhá eu resolvi casar antes do dia marcado. Desmanchei a mandioca, apurei uns quatro contos de reis e fui dizer a moça que estavam na vespéra do casamento.

A mãe de Sinhá fez um barulho dos demônios. Então eu perguntei a moça se tinha coragem de fugir. El-

(Continua nas paginas 8)



Este inverno tem sido amavel. As ruas estão cada vez mais cheias de sol e de sorrisos

A INDIA MARCHA

Diz um proverbio inglez : Por onde, vindo do Oriente, o sol marcha em redor do universo elle, ao nascer, é saudado pelo rufar de tambores de tropas inglezas.

460 milhões de habitantes vivem debaixo do Union Jack, mantidos por 200 mil gentlemen vestidos de Khaki no respeito pelos senhores do Tamisa.

Quasi 3/4 partes desta população — 325 milhões — são indianos de côr escura. A existencia da Inglaterra

O supremo representante do Imperio inglez : Lord Irwin, vice-rei da India, entrando na carruagem de prata na cidade de Jamnagar



Um outro aspecto da India: a mais bella indiana premiada em Paris em um concurso de belleza



Um grupo de "martyres" fanaticos em marcha. Todo este grupo foi aprisionado por um destacamento de Sikhs

ra depende da India. Para cada Lord, cityman ou homem da rua na metropole existem, longe, nas margens do Ganges, sete a oito serviçaes de côr. Hindús, Fellachos, Cafres, Kulis — para que outra cousa servem as colonias? O rufar dos tambores anuncia sobre a terra Rule Britannia! Dominar, não somente os mares como tambem os homens.

Porém durante a noite, quando os tambores emmudeceram, ouviram-se, no silencio, estalidos nas



Scena na rua de Bombaim durante os disturbios provocados pela discordia entre Mahometanos e Hindus



Ultima ratio da Inglaterra contra os rebeldes — Carros blindados nas ruas de Bombaim

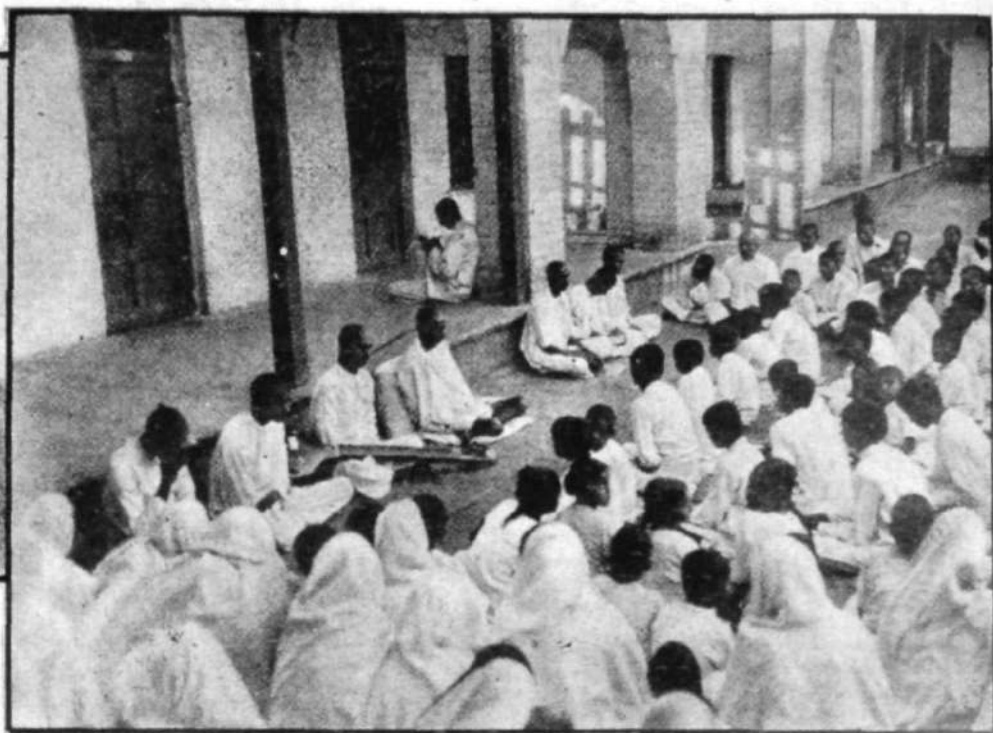
traves do edificio do imperio. E ouve-se na cadencia de um compasso certo : Gan-dhi, Gan-dhi.

As planicies da India percorre, em companhia de um pequeno numero de discipulos, um homem magro, meio nú, de côr escura. Elle se assemelha um pouco aos homens "half caste" que o globe-trotter está acostumado a encontrar no Oriente, nas repartições das Alfandegas e Correios. O intellectual indiano de olhos com a expressão de fanatismo e soffrimento no olhar, procura o mar, onde se encontra o Sal.

Este vaso de sal tornou-se um symbolo, como na



Mulher e companheira de luta de Gandhi. Não acompanhou Gandhi para continuar como enfermeira de pestosos



Gandhi falla aos seus discipulos e colaboradores

mo a poderosa Inglaterra não pôde prohibir. E em vez de tecer panno, o homem de cor escura agora está sentado na praia fazendo sal, e o mundo escuta se o cabo annuncia, que a Inglaterra lhe entornou o balde de sal.

Certo: o vice-rei da India Edward Lord Irwin of Kirby Underdale e seu marechal de campo Sir Birdwoord possuem carros blindados em quantidade sufficiente e têm — assim parece — todo poder sobre seus soldados de cor em numero maior de 100 mil. Mas como se combate com Ghurkas contra uma idéa?

Certo: os 118 príncipes indianos de Maaradschas inferiores são fieis ao imperador da India em Londres como foram os reis da Federação Rhenana a Napoleão contra o lutador patriota



Gandhi auxiliando a preparar a sua comida

guerra dos camponeses o sapato de cor. O sal na India somente o governo o pode produzir. Ao indiano na India muita coisa é prohibida.

Certa vez perguntei a um typico tecelão de Manchester: Qual o motivo de vocês tecerem o algodão indiano para os hindús, em vez de fazel-o no proprio lugar, na Inglaterra?

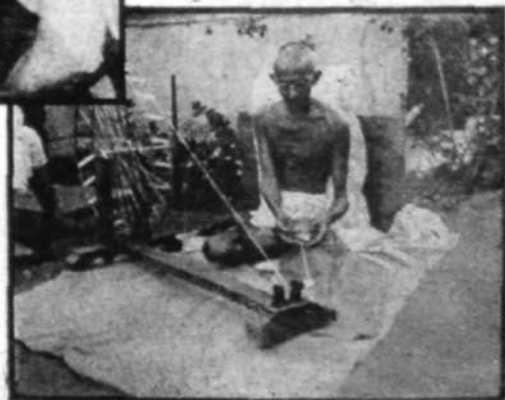
Resposta: Para que possuir a India, se nós, aqui no Lancashire não podemos ganhar dinheiro com ella? Resposta de Gandhi: Para que tem a Inglaterra de ganhar dinheiro com a India?

Elle com os seus senta-se no tear á mão. Este uso antiquissi-



Gandhi instruindo a mocidade. Sahindo da escola que mantém na sua residencia

Gandhi sentado junto ao tear, o symbolo da resistencia contra o poderio inglez





RUNDS



Restricções á obra de um fabricante de livros

Está escripto que o sr. Coelho Netto, ganhou o premio do ridiculo literario no Brasil. E' um homem de verdadeiro faro de cão polcial por tudo quanto cheira a preciosismo. Porque em toda a sua obra, a construcção da phrase e o consequente effeito da mesma phrase são a sua eterna preocupação. E não é pequena essa sua preocupação. Todos os seus livros amontoados formam uma fileira maior que elle, usando de uma imagem que attribulram a H. G. Wells. Porem todos esses livros juntos não valem aquella sua celebre phrase sobre a obra de Machado de Assis. Uma só imagem pode caracterizar melhor um escriptor que cem livros. E isso foi o que aconteceu a Coelho Netto. Tão cedo não se definirá melhor a obra de Machado de Assis com tanta prestêza. Era ser a obra de Machado de Assis uma casa sem quintal. Nunca é tarde para se repetir isso. Porque foi a cousa melhor que elle já escreveu até hoje.

Eu não sou dos que negam tudo ao auctor de *Mano* como alguns modernistas exaltados que pelo facto de serem modernistas acham que tambem devem ser cegos.

O sr. Henrique Pongetti por exemplo que fez de sua figura triste e mirrada um retrato, tão feio que quem não o conhecer pessoalmente o imaginará amacobebado, capaz até mesmo de metter medo á imaginação doentia das creanças. Mas o sr. Pongetti é um homem capaz de derramar uma carroça de lixo em cima de um canteiro, somente pelo gostinho do estrago. E é semelhante critico que diz do sr. Agrippino Grieco ser elle capaz de perder um amigo por uma chalaça, quando todo mundo sabe, que elle, Pongetti será capaz de perder dois pelo mesmo gosto. Dizer-se ter o sr. Coelho Netto intelligencia não é exagerar como tambem affirmar ter elle empregado sabiamente essa intelligencia é exagerar excessivamente. Porque elle não soube empregar a sua intelligencia. Na tal mania decorativa de seus periodos elle bota tanta tinta que peca pelo excessivo do berrante. Isto é inactual. Portanto inutil. Ora o que é inutil nunca é bom.

Toda a sua obra é um arranha-céu sem alicerces. O alicerce nesse caso seria a força de pensamento. Porque cada andaime que elle acrescenta ao prédio mais elle ameaça cahir. Eu tenho para mim que já cahir ha muito tempo. Porque o ultimo andar foi pomposo demais.

Houve no titulo de príncipe que alguns rapazes literatos lhe deram mais uma intenção grotesca que pomposa. Porque eleição no Brasil é *blague*. Quer seja para presidente da Republica ou presidente de uma

sociedade de futebol. O brasileiro acha-se mais identificado com a fraude eleitoral, que com o calor.

O rotulo de príncipe dos prosadores brasileiros num homem que escreve mais para a Grecia que para o Brasil é simplesmente estúpido. Eu se fosse eleitor daquelle concurso votaria em descoberto no sr. Gilberto Amado que é entre todos os escriptores do Brasil aquelle que escreve para a maior élite. Não que houvesse justiça nesse meu acto, mas votaria porque tinha de votar. Porque no Brasil não ha escriptor perfeito isto é, não ha um só escriptor digno de elogio integral. Mas existem defeitos em literatura que desaparecem ao lado das grandes qualidades. Não se deve procurar numa obra defeitos pequenos onde o leite-motivo é grande. Se fossemos tomar isso em consideração nunca que um protestante gostasse do sr. Tristão de Atahyde e um religioso, do sr. Benjamin Costallat.

Mas o leite-motivo do sr. Coelho Netto é completamente voltado de fóra para dentro.

E isto é uma bobagem. Bobagem hellenica, realmente, mas bobagem. Entre o príncipe dos prosadores brasileiros e o palhaço só existe de differente a troca de rotulos, o que faz pensar na formula do romance de Maurice Dekobra *prince ou pître?*

Se o sr. Coelho Netto vivesse noutros tempos ganharia uma fortuna como bôbo de corte. Mas bôbo intelligente desses que fazem rir e fazem tambem, quando querem, chorar. Qualquer chalaça do primeiro reinado com semelhantes estiradas academicas ganharia não só as modinhas do príncipe, como tambem as graças da Domitilla, o que não era desagradavel naquelle tempo. Mas o sr. Coelho Netto não quiz ser *clown* de circo, o que é louvavel pois ninguem deixa de ser príncipe para ser bôbo.

Elle anda apostando ultimamente com o seu sócia Alberto, o outro, o príncipe dos poetas, o principado da phrase impeccavel sobre Phrynéa, pobre senhora. Certos romancistas do Brasil deviam saber que não ha o verdadeiro romance fóra de sua terra. Fóra disto só admitte-se o mundo da subconsciencia. No Brasil, porem, esse mundo é pouco explorado somente pelo facto de ser elle um pouco nebuloso. O sr. Coelho Netto devia saber que não se deve publicar rimas com a mesma facilidade com que se manda rezar missa de sétimo dia. Mas elle sem o saber está prestando um ottimo serviço ás traças talvez a unica cousa que na sua estante não cheira a Grecia. A nossa desforra é que esses bichinhos devoram a sua Grecia com um appetite verdadeiramente brasileiro...

PAULO MALTA FILHO



2.º Salão Geral de Bellas Artes

POLEMICA DE ALEM-TUMULO

ALBERTO GERCHUNOFF



FOCH

O mundo assiste uma polemica entre dois personagens historicos.

Trata-se da polemica entre Clemenceau e o marechal Foch, na posteridade. Sobre ambos cahiu a "ardua sentença".

Ambos representam em sua capacidade diferente e em sua acção distincta, fórmulas semelhantes do espirito francez; ambos evocam para a França aquillo que Clemenceau denomina "os dias de tormenta" e a gloria suprema de os haver sobrevivido com grandeza.

Porém as paginas do "Tigre" revelam-nos, mais do que as disparidades essenciaes sobre o desenrolar

da guerra, as incompatibilidades de dois temperamentos. Foch, o soldado, o professor da sciencia bellica, o estrategista admiravel, sereno, racionando friamente, com uma intelligencia precisa de mathematico, não podia entender-se, nem pelos seus sentimentos, nem pela sua modalidade intellectual, com aquelle homem terrivel, feito de violencia explosiva, de paixão, de ingenho cruel, que crescia entre as pesadas atmosferas de tempestade e improvisava genialmente, com um espirito grandioso, rugindo ante os perigos extremos. Quem se enganou em tal occasião ou em tal circumstancia, enquanto o fogo arrazava cidades, ameaçava a terra e ennegrecia a humanidade, cujo naufragio parecia haver chegado? As memorias de Foch e o livro posthumo de Clemenceau pretendem esclarecel-o.

E' possivel que os technicos cheguem a perceber os matizes de verdade que animam os polemistas insignes a combaterem-se, a recriminarem-se, pondo a descoberto as intimidades do vasto e obscuro processo da conflagração. O que, porém, deduzirem os technicos e o que descobrirem os criticos especializados, que depuram os documentos para a historia, não chegará a ser a substancia da historia, nem atrahirá a credulidade popular. Para o povo francez ou não francez, estes livros de além-tumulo não modificarão o juizo sobre os rivais formidaveis. Que nos importa, em realidade, o que diz Clemenceau ou o que diz Foch a respeito desta ou daquela batalha? Para nós outros, que somos povo, que somos posteridade historica e legendaria do heróe militar e do heróe civil, essas analyses concatenadas, essas allegações minuciosas carecem da im-



CLEMENCEAU

portancia que lhes é attribuida pelos especialistas. Só sabemos que Foch e Clemenceau foram homens do destino.

Ganharam a guerra, se é que nos tempos modernos pode-se ganhar uma guerra. Os capitulos de Foch não diminuirão a gigantesca estrutura mental de Clemenceau; a réplica terminada na vespera da morte não o engrandece nem humilha o guerreiro do Marne, o marechal que teve, em suas mãos, a espada do inimigo.

E é possivel que, futuramente, uma historia mais interpretativa do que real, mais verídica do que exacta, apresente á admiração unanime dois varões illustres numa attitude fraternal.

NO DIA QUE VOCÊ FALTOU

(Do *Diario* de uma garota ingenua)

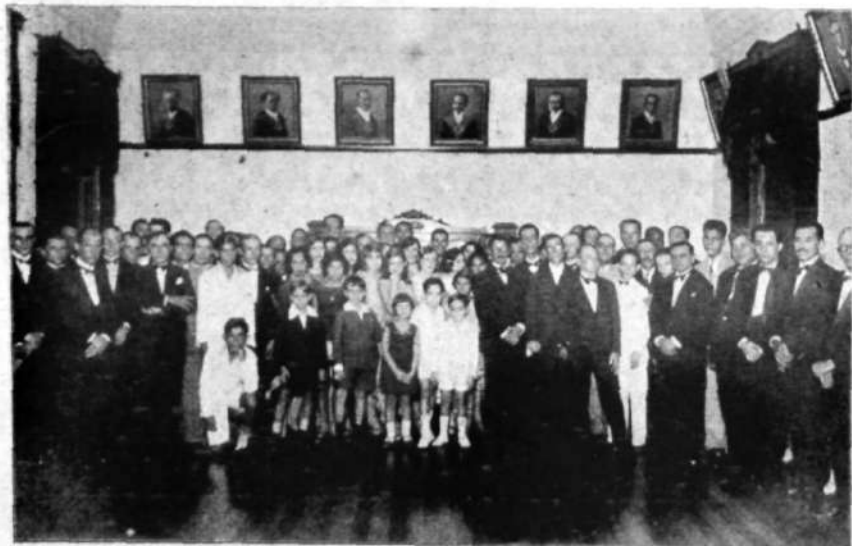
Sabe?

Fiz-me linda hoje, somente pra você. Vesti aquelle vestido branco, muito fino, cheio de rendas que você tanto gostou, e me puz a fazer mal-mequer e bem-mequer com as estrelas, na esperanza de que assim você havia de chegar muito depressa. Depois, foi se fazendo muito tarde. A rosa rubra que eu collocára nos meus cabellos, se foi desprendendo pouco a pouco, sem vida.

Meus olhos, caçados de buscar seus olhos, se foram lentamente fechando.

Por que não veio, meu amor?...

MARLUCE.



Um aspecto da festa realizada pela Loja Maçonica Cavalheiros da Luz, no dia 13 de Maio.

NAVIO NEGREIRO

Para Valdemar Cavalcanti

Veleiro, no teu bôjo todo cheio de soluços
trouxeste esse punhado suarento de negros,
de negros soluçantes de saudade e de chibatas.

No teu bôjo todo cheio de soluços
trouxeste essa carne quente de quixába,
cortada a chicote e com tatuagens de guerra.

Na aza da tua véla, negreiro,
veio esse mêdo tôlo de tudo,
veio aquella bravura de tribu africana
que hoje — coitada ! — mudou tanto.

Mas as almas desses negros
eram tão brancas, eram tão puras!
Essas almas ingenuas foram tatuadas.
Tatuadas pelos soffrimentos
que cavaram sulcos fundos
no fundo muito branco, muito singélo,
dessas almas alvissimas de escravos.

Veleiro que trouxeste ao meu país
candomblês, changôs, macumbas e maracatús,
eu te esconjuro pelo mal que me fizeste:
botando tanta tristeza, tantos mêdos ingenuos
nos olhos, na fala, na alma da prêta Brigida
que me acalentava no sotão lá de casa,
quando eu era pequeno.

J O S É A U T O



O illustre cirurgião Doutor
Castro e Silva que acaba de
regressar da Europa.

A boneca vestida de Arlequim

As pernas longas, longas e fi-
nas como os braços.

Se não fosse pintada, a bocca
seria um pouquinho maior. Mas,
pintada, era mais bonita. Tinha
os olhos de quem viu, de quem
sabe... O nariz, pequeno e ale-
gre, punha um sorriso em todo o
rostro... Branca... branca...
Vestida de Arlequim. Ia vela. Na
vitrina onde morava, morava uma
chusma de bonecas. Eu só via a
boneca vestida de Arlequim. Só
por ella parava ali. — Bom
dia..." E vinha um prazer da-

quelle-corpo inerte, que me envol-
via... Um prazer de alma, in-
genuo e bom... Estendia-lhe as
mãos... Amava-a... Depois,
houve alguém que a levou...
Nunca me esqueço della. Dei-lhe
um nome: Vida. Um nome como
outro qualquer... A's vezes, pa-
rece que a sinto junto de mim...
commigo... Aperto-a nos meus
braços, é tudo. Quero guardal-a
para sempre, é nada. Realidade
linda, feita de illusão... Vida...
minha boneca vestida de Arle-
quim...



Eros, filho do Dr. Segismundo Gra-
dowsky, Juiz de Direito em Serro
Azul, Paraná, e de D. Cedita
Gradowsky

ALVARO MOREYRA

D E C E P Ç Ã O

Conto de ALVARO LYNS

Aquêle namoro ninguém sabia quando começara. Sabia-se apenas que era o mais velho da cidade.

Entre Claudio de Araujo e Dulce Montenegro havia uma amizade brotada, assim, instintivamente, numa idade em que eles não podiam compreender o amor. Por isso mesmo esse amor parecia um longo traço de união entre as suas vidas feitas de sonhos impossíveis e irrealizáveis.

Eram mais ou menos da mesma idade. Desde pequenos, nas antigas brincadeiras do jardim de Dulce, brotou entre eles uma simpatia extraordinária. E Claudio nunca mais se esqueceu do dia em que completára dez anos quando Dulce, toda coradinha — grande pirata! — lhe dera o seu primeiro beijo, presente de aniversário...

Mais tarde, na escola mixta, o romance continuou mais vivo e mais apaixonado. Um para aula e voltavam juntos, fazendo longos passeios pelos parques silenciosos, juntinhos, como se fossem o par-projeto dos ultimos românticos...

Um dia ela falou de um sonho bonito que tivera na vespera. Mas estava acanhada de dizer. Ele insistiu, rindo da ingenuidade dela. E Dulce contou, afobada:

— Tinha sido uma coisa muito simples: sonhara com ele. Um sonho esquisito: casando.

Riram ambos da idéa.

Mas desde aquêle dia ficou no espirito menino de Claudio o desejo impossível de ser o maridinho de Dulce...

Nessa tarde, no jardim, não brincaram de esconder. Brincaram de casamento. E dessa vés foi o Claudio que, mais esperto, beljocou, gulosamente, os lábios de Dulce...

Ele tinha apenas treze anos. Ela onze.

Ave Maria! Nem em Hollywood!...

+
+ +

Aos 16 anos Claudio terminou o curso de preparatórios. Já fazia sonetos tem interessantes e pertencia a uma sociedade literaria. Em compensação levára alguns páus que dizia, servirna apenas para atestar a sua superioridade intelectual.

O papae satisfetissimo com a entrada do pequeno na Faculdade de Direito

fez-lhe alguns ternos novos que lhe aumentaram consideravelmente, o prestigio e chegou mesmo a prometer uma barata azul para o fim do ano.

A mamãe deu-lhe alguns frascos de perfume caro e uns autenticos quinhentos mil réis, premio de "sua dedicação aos livros".

Claudio, porém, tinha uma idéa fixa. O Rio. Queria fazer carreira. Brilhar! Iria estudar por lá. O seu talento precisava de uma expressão maior. A cidade grande, a cidade bonita, estava dentro dos seus olhos como uma historia das mil e uma noites de que lhe falavam tanto e que ele não conhecia ainda.

Nem a eloquente verbosidade do papae que dizia ser "a nossa Faculdade o mais solido templo juridico do Brasil", nem as lagrimas de Dulce o moveram. Nada.

+
+ +

No Rio Claudio fez um nome. Os seis poemas começaram a ser admirados. A sua arte fazia o encanto das pequenas. E mais ainda o corte irrepreensivel dos seus palitós e o vinco impecavel das calças...

+
+ +

Claudio voltou á sua terra. Cinco anos depois. Desistira do titulo de bacharel. Em troca trouxera alguns elogios lisongeiros e agradabilissimos da critica carioca.

(Termina na pagina seguinte)

S P O R T S



Team do FLAMENGO que venceu o do IRIS por 3 X 1

REGRESSOS

Por PIERRE MAC ORLAN

Todos os grandes viajantes aspiram ao repouso. As grandes viajantes se entregam mais lentamente à melancolia das recordações. De Colombo ao Cairo, passando pela esplendida Mamounia de Maira Kech, as luxuosas caravanas não são mais as das bellas escravas de um romantismo difficil de rejuvenescer, mas são ainda caravanas onde mulheres curiosas, alertas e robustas occupam o primeiro lugar.

Ha nellas jovens Venus americanas e senhoras encantadoras que viram o mundo de um modo bastante pessoal, graças à rapidez relativa das paradas. Vêr rapida e falsamente ainda é melhor do que procurar explicações precisas que o futuro se encarrega de apagar mais cedo ou mais tarde.

Um film cuja velocidade é desconcertante desenrola-se em torno de certas obrigações mundanas inevitaveis, mas que não procuram submeter-se a todas as complicações moraes ou socias que se offerecem à vista, ao ouvido e ao olfato das civilizações incomparaveis.

A bem dizer é melhor não tentar comprehender as paisagens e os povos que as animam do que interpretal-os mal. As civilizações profundamente differentes não são assim tão mysteriosas que possam perturbar a imaginação do turista. O mysterio social só existe, reciprocamente, para os homens que se divertem com o mesmo jogo. Ha um mysterio maior entre um bretão e um provençal do que entre um francez e um "filali". As viajantes — as do grande turismo exotico — sentem-se pouco inclinadas a transpôr as emoções melancolicas que uma bella paisagem deve provocar. As viajantes de excepção — as que se deixam dominar por uma imaginação inquieta — só podem encontrar perigos pelas estradas. Estes perigos que abrem aos homens todas as portas da literatura, são quasi sempre vulgares. A literatura, entretanto, empresta-lhes nobreza. E' viajando que experimentamos com certeza o va-

lor sentimental de uma boa educação literaria e social. Os homens só viajam proveitosamente na mocidade. As mulheres só chegam a alcançar o oceano ou o Pullman depois de uma certa idade que não é a da adolescencia. A maior parte das grandes viajantes tem mais de quarenta annos.

A viagem, quando consideramol-a como um prazer em que não falta uma certa intelligencia, nunca é um acto do presente. E' uma antecipação ou uma lembrança; uma antecipação dedicada ao prazer de imaginar, de preparar uma bagagem elegante que se torna inestimavel pelos seus couros de qualidade. Esta alegria de arrumar as roupas excepcionaes, emprestando uma realidade às palavras escolhidas na poesia geographica, possui uma qualidade tão rara que vale, por si so, a serie dos acontecimentos.

A viagem propriamente dita se passa para os melhores dotados numa camara escura munida de uma objectiva mais ou menos perfeita.

Disso resulta, naturalmente, um certo numero de imagens que não são logo percebidas.

A hora das lembranças, cuja melancolia vale todos os livros, vem algumas semanas depois da fadiga deixada pelo ultimo navio, o ultimo cães, a ultima gare.

Deixou-se alguma cousa atraz de si. E é, muitas vezes, difficil dizer o que. As mulheres que possuem mais ordem o sabem talvez melhor do que os homens. As cidades entrevistadas, as paisagens escolhidas tomam uma significação sincera. E' a hora dos clichés 6x9 e da meditação *deante de um rosto, de um becco, de uma silhueta* na multidão, deante da propria imagem descoberta num "décor" pouco familiar.

A melancolia é tanto mais fecunda quanto imprecisa. Comprehende-se que a poesia, tal qual se ensina nas grandes agencias de viagens literarias, não é talvez mais do que um regresso sem partida.

DECEPÇÃO

Conto de ALVARO LYNS

Oito dias depois recebeu um cartão de d. Marieta Montenegro, convidando-o para uma festa intima.

— Boa! Uma festa em casa de Dulce! Irei, decididamente.

E foi. A sala principal do palacete Montenegro era toda ella, naquella noite, uma decoração magnifica de mulheres bonitas e homens elegantissimos.

A fama de "dandy moderno" de Claudio já era conhecida. E foi dentro dessa expectativa simpatica que elle, com um ligeiro atrazo proposital, penetrou no salão.

Quasi no centro Dulce, completamente cercada, punha no ambiente a alma feliz da sua mocidade provocante e inquietadora.

Os seus dezenove anos irresistiveis davam-lhe um prestigio miraculoso.

Claudio quasi não reconheceu nella a sua pequena namorada dos tempos de menino. Deixou-se ficar a olha-la num marasmo quasi místico. Santo Deus! Uma mulher feita! E como estava bonita!

Tinha, agora, uns olhos negros, de seda chineza, profundamente calmos. A boca pequena, encarnada de romã

madura. Uma boca feita especialmente para beijar. E Claudio pensava, absorto:

— Se ella quizesse!... Se ainda fosse possível!...

Pouco depois Dulce avistou-o e veio cumprimenta-lo. Claudio ficou ligeiramente perturbado.

Dulce compreendeu tudo e perversamente, com um sorriso brejeiro á flor dos labios, voltou-se para Claudio e, apontando um cavalheiro elegantissimo que estava ao seu lado:

— "Claudio, permita que eu lhe apresente aqui, o meu noivo Dr. Paulo de Almeida, medico..."

O hospede de uma noite

P o r J A N N E R U D A

Jogavamos em "As mil e uma noites". Sentados na porta do café, cada um dos presentes narrava, por turno obrigatorio, as mais notaveis aventuras experimentadas em suas viagens.

Faziam parte do bando de tchecos recém-chegados das margens do mar Vermelho: o dono do café que era polaco; dois viajantes a quem acabavam de nos apresentar um magiar e o outro allemão; a camareira, tcheca tambem, e outro individuo, oriundo de Praga.

O polaco descendia de emigrantes radicados em Paris. Em sua juventude embarcou para a America e percorreu esse continente em toda a sua extensão, desde o Canadá até a Patagonia; já homem maduro, tinha se estabelecido no Cairo, sem nunca ter visto a patria polaca. O magiar era um "kuman", tinha passado muitos annos no exercito como soldado, e conhecia Praga. Como foi parar no Cairo, onde se dedicava ao commercio de vinhos era assumpto de que não tratava. O allemão trabalhava durante a temporada de inverno no theatro do Cairo e no verão dava licções de musica.

A camareira, contente por ter occasião de servir a compatriotas, permaneceu sentada longo tempo em nossa mesa. Todos os demais clientes já se tinham retirado. Era mais de meia noite. O silencio reinava nessa parte do bairro. De vez em quando ouviamos latidos longinquos.

Um ou outro transeunte retardatario passava depressa.

O céu tinha uma cor verde sombria. As estrellas piscavam como se quizessem se aproximar da terra. As grandes palmeidas estendiam no alto, sobre nossas cabeças, seus pennachos immoveis. A brisa era suave e fresca. Sentados commodamente e languidamente, saboreavamos as bebidas a sorvos pequenos e escutavamos o narrador.

Chegou o turno de contar, pela terceira vez, ao musico, o allemão. Chamavamos-lhe "o cavalheiro" por causa do character romantico da sua primeira narrativa.

—Promptos para escuta-lo, senhor cavalheiro...

—Permittam-me que accenda o cachimbo e estarei prompto. Desta vez contar-lhes-ei algo de Suavia, querem?

—Muito bem.

E começou dizendo.

—Viajava a pé, por Suavia. Com a mochila no hombro, empunhando o bastão e um cachimbo na bocca ia, só e contente, de povoado em povoado. Aonde se lhe antolhava a minha fantasia, aonde o valle ou a montanha brindavam-me com um motivo de prazer, alli eu ia, com fir-

me e ligeiro passo. Porém chegou um momento em que me invadiu pouco a pouco a fadiga de tanto caminhar; meus olhos e meu espirito fizeram-se indifferentes aos encantos da paysagem ao tempo em que se embotava a acuidade de meus nervos para perceber-os. Caninhava com a cabeça baixa e decidi a-ter-me, para descansar, na pousada da primeira aldeia que encontrasse.

"Quando entrei na villa faltavam-me ainda tres dias de caminho para chegar a Augsburgo, que era o destino a que me havia proposto. A hospedaria dava para a estrada principal e era mais ampla do que se podia esperar num villarejo assim.

O vinho era excellente, as carnes

appetitosas. Ao anoitecer, quasi não havia hospedes nem clientes na taverna. Muito mais tarde, começou a chegar a clientella habitual para jogar os páos. E' um jogo que me agrada, e por isto, não obstante a fadiga da viagem, reuni-me de bom grado aos jogadores para acompanhá-los numa partida.

"Era já noite alta quando dei as boas noites e pedi ao estalajadeiro que me conduzisse ao meu quarto. Os demais continuaram jogando. Tinham retirado da casa todos os candieiros para illuminar o sitio onde se jogava.

—"Não vá levar uma véla daqui! advertiram-me imperativamente.

—"Não, não — repliquei — basta que o patrão me acompanhe com



Caricatura de Euclides

— Meu Deus, quando serei Miss Brasil ?

luz para me indicar o quarto, e elle mesmo, quando voltar, trará o candieiro. Pretendo deitar-me immediatamente.

"O estalajadeiro conduziu-me, pois ao dormitório, situado no andar superior, ao qual se subia por dois lances de uma escada de madeira, inquietantemente fragil.

"Aqui tem duas camas — disse-me ao entrar no espaçoso aposento. — Póde deitar-se na que quiser.

"Distingui uma cama a uns tres passos e junto della uma cadeira. Não necessitava vêr mais e disse-o ao hospedeiro, que se retirou immediatamente com a véla.

"Deixei a mochila no chão, sentei-me na beira da cama e comecei a despír-me, depositando a roupa na cadeira. O jogo continuava animado, precisamente ao pé da janella do meu quarto.

Eu tinha "fome de somno", como se diz, e antegosava a prazenteira sensação de estirar-me na cama. Involuntariamente imaginava como, dentro de um momento, começaria a debilitar-se o bulicio do jogo, parecendo cada vez mais distante, e acabando por desvanecer-se numa bruma azul...

"Estender o braço, puxar o cobertor de pennas e entregar o corpo á molle delicia!... Estirei a mão para o travesseiro afim de apalpar a al-

mofada... e, horrorizado, dei um salto para traz. Cortou-se-me a respiração e instantaneamente a somnolencia se me dissipou. Quiz gritar, porém senti paralyzada a garganta. Quedei-me immovel, com o braço direito estirado nas trevas e os dedos convulsamente estendidos.

Tinha os dedos impregnados de uma substancia humida, fria, viscosa... Não; não me enganava: nessa cama jazia um cadaver com a bocca aberta e espumante... Já havia posto a mão entre os dentes que sobressahiam...

"Por fim, pude correr até a janella e abril-a de um golpe.

"Um crime! Um crime — gritei — Detenham o hoteleiro!... Não o deixem ir!... Na cama ha um homem assassinado!...

Subam logo!... Venham todos!... "Em baixo explodiu um tumulto de vozes. Correram as luzes.

"O homem enlouqueceu! — exclamou o estalajadeiro. — Vamos! Venham todos! Talvez seja preciso amarral-o!

"Rangiu a escada sob os passos rapidos e pesados. Eu, sem me afastar um passo da janella, permanecia com o braço estendido e abertos os dedos molhados.

"Abriu-se a porta e o primeiro a entrar foi o hoteleiro que trazia luz.

Os demais se agrupavam atraz delle, e quasi todos traziam tambem um candieiro acceso.

"Alli... alli... — gritei como um louco, apontando a cama.

"Porém, em vez de voltar-se para o ponto que eu assignalava, todos os olhares se fixaram em mim.

Então precipitei-me, tomei o cobertor e arrojé-o aos pés da cama.

"E ficou descoberto o cadaver de um homem velho, completamente vestido, com a bocca aberta e espumante.

"O hoteleiro aproximou-se tranquillamente, chegou a luz ao rosto do morto e logo, dirigindo-se ao filho, um rapazote corpulento, disse:

"Vê que caminhada inutil fizeste... Bem que eu te dizia: "Deixa-o que se vá, Vito," porém tu te empenhavas em ir alcançal-o na carreira...

"Os outros olhavam em grave silencio.

"Porém, que é isto? Que aconteceu? — exclamei exasperado.

"Veio hontem e deitou-se logo. Como esta manhã não descesse, pensamos que tinha fugido durante a noite para não pagar a conta. Vejo, porém, que é um homem honrado e nós fallámos mal delle Vito: vae logo avisar ao coveiro para que leve o morto. E o senhor póde se deitar noutra cama, ouviu?

SYSSIPHO

(Inédito)

*A Vida... Mas, ao fim de tanta lida,
depois de tanta mortificação
(Vangloria de subir! Alma illudida...),
como é precária e ephémera a ascensão!*

*Debalde, os hombros numa só ferida,
uma estrella de sangue em cada mão,
rolei a pedra asperrima da Vida...
A escarpa é rude, e a pedra róla em vão...*

*Canceira inutil! Já não creio em nada...
Fico ao sopé? Desisto da escalada?
Seja! Mais sabe o Céu para o que vim...*

*Por que exhortar á Sorte indifferente?
Antes rolar a pedra calmamente
e dar graças a Deus até o fim!*

1930

A U S T R O - C O S T A

POEMA DA NOITE ALTA

Na leitura de um jornal procuro o somno.
Estou sosinho no silencio da noite alta.
O tedio me reclama a cura do repouso
porém meus olhos perversamente a negam.

Nada como um jornal
para rir da maldade de uns olhos insomnes.

Os telegrammas...
Os artigos politicos...
Anuncios...

Nascimentos, anniversarios, mortes...
— A vida, sempre desinteressante na sua monotonia,

(Sinto que vens chegando, somno bom...)

Mas de repente,
a um canto de pagina,
uma noticia: "Triste occurrencia".
Um rapaz que morreu desastadamente
no exercicio de sua profissao humilde.

Coitado!
O diario não lhe diz o nome todo.
"...de nome Antonio", apenas. Já é muito.
Que importa o nome? Um anonymo,
uma triste figura que desliza sem ruido pela vida...

De quem era filho?
Quem sabe lá!
Ao mundo isto nada interessa.
Si elle, coitado!, nunca interessou a ninguem...

De quem seria filho?
Elle era tão ignorado...

A commoção me deixa scismativo,
de olhos muito abertos...

E no silencio da noite alta,
sozinho, sem somno,
eu imagino uns olhos de mãe dolorosa,
que têm para o coração ferido a triste misericordia das lagrimas...

Aurelio Buarque de Hollanda Ferreira

A S O C I E D A D E

FEIRA

DE

SORRISOS

E' um desastre a falta de assumpto. Descobrir motivos frivolos e interessantes numa cidade sem côres como esta Recife é mais difficil do que isolar, num laboratorio, o bacillo de uma molestia desconhecida.

Inconveniente maior para o chronicista mundano atacado pela falta de assumpto é não ter uma paixão. Uma creaturinha banita, elegante, áona de sorrisos e vestidos maravilhosos enche paginas e paginas de litteratura.

Se eu tivesse agora uma creaturinha destas, o problema estaria facilmente resolvido. Um sorriso seu daria uma chronica. Um vestido seu daria um poema. A doce palavra "Você" daria um livro.

Mas eu não tenho uma creaturinha assim. As que eu tive passaram ha

muito tempo. E eu não gosto de lembrar. Gosto é de esperar.

JEAN

ANNIVERSARIOS

HOJE:

Dr. Gildo Netto.
Senhorinha Maria José de Sá.
Dr. Motta Filho.
Sr. Octavio Marques dos Santos.
Senhora Edith Feltoza.
Sr. Albino Fernandes.

DIA 25: —

Sr. Alberto Fonseca.
Senhora Maria Magdalena Jacobina de Sá.
Senhora Esmeraldina Albuquerque Selva.
Sr. Antonio de Paula Menezes.
Mentino Clodomir Carvalho.

DIA 26: —

Senhora Maria José de Alencar.
Sr. Luiz Pereira de Mello.
Sr. Julio Soares Filho.
Senhorinha Auta Nogueira de Lima.
Sr. Antonio Passos.

DIA 27: —

Nelson Meira de Vasconcellos
Senhorinha Rachel Cavalcanti.
Senhora Gisella Gomes Wicks.
Dr. Samuel Ponce de Leon.
Senhorinha Maria de Lourdes Seixas da Silva.

DIA 28: —

Senhorinha Aurea Gonçalves Cruz.
Sr. Euclides Santos.
Dr. Lourival Cezar de Andrade.
Senhorinha Etelvina de Azevedo.
Sr. João Germano de Carvalho.

DIA 29: —

Senhorinha Carmen Motta Valença
Sr. Armando G. Paes.
Senhora Elvira Mendes G. de Amorim.
Sr. Manoel dos Santos Villaça.
Sr. Everardo Brekenfeld.

DIA 30: —

Menino Esdras Farias Filho.
Senhorinha Violante Cahu'.
Sr. Abelardo Gama.
Padre Nestor de Alencar.
Senhora Thereza Medeiros.
Sr. Durval Selva.

C A B Ô C L A

A Jorge de Lima, com admiração

Cabôcla Brasil
 De corpo de samba
 De pé achatado
 De perna bem feita
 Safada, dengosa,
 Cabôcla cheirosa
 De beijo bem grosso
 De mequixibá...
 Teu samba eu não sambo
 Tua bocca eu não beijo
 Mas gosto de ti...
 Teus seios morninhos

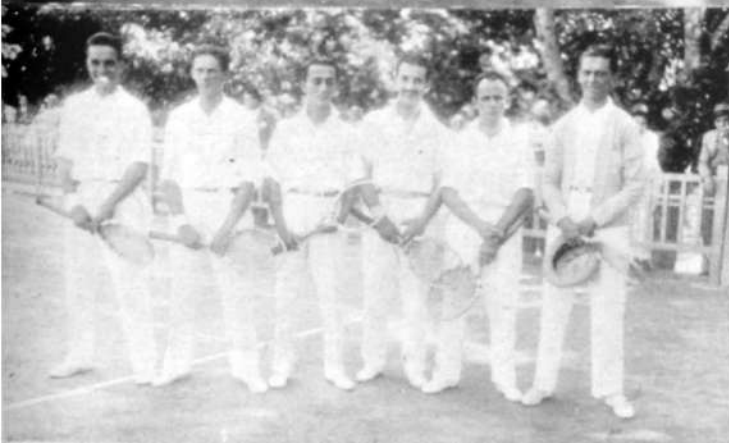
Parecem mormaço...
 Tua raça é Brasil!
 Cabôcla queimada
 Sem "rouge" sem nada
 Sem dente postiço...
 Tens sangue de sol
 Tens olhos de lua
 Tens côr de café...
 Tua raça é Brasil!
 Teu samba eu não sambo
 Tua bocca eu não beijo
 Mas gosto de ti!...

PELOPIDAS GRACINDO

* * *

* * *

* * *

**APA**

Campeonato pernambucano de Tennis. No alto, á esquerda: as duas equipes disputantes. A' direita: turma do Country Club, victoriosa pelo score de 5 x 4. Em baixo, á esquerda: aspecto do publico elegantissimo que assistiu ao "match". A' direita: tennistas da Apa.

c i n e m a

Paris - o sonho - realidade vae começar depois de amanhã no Parque

Vem cá, coração da gente. Põe as tuas mãos nas minhas. O pensamento no meu. E — se possível — mistura a tua alma com a minha. Vamos conversar... Sobre que? Política? Que horror... A vida?

Peor... O cinema? Sim. A "realidade — sonho"... Está ahí o teu sonho tornado realidade, está ahí: PARIS. Um anno, nos seus mezes todos e em quasi todas as suas horas, me fallaste na terra maravilhosa, nos

seus peccados, na volupia das suas mulheres e na grandeza e na imponencia dos seus momentos. Um anno a fio me repetiste a mesma phrase que chegou a ficar "synchronizada" nos meus ouvidos: "Quero vê PARIS"!... Pois bem agora vae vê PARIS. E para tanto não te arriscas a nenhuma viagem. E' PARIS que vem ao encontro dos teus passos, dos teus olhos e dos teus sentidos. Tens é que refrear os nervos trepidantes, deixar que este sabbado corra, que este domingo passe para chegares á gloria da segunda-feira, com a sua alegria e talvez o seu sól pernambucano... Um pulo ao "Parque" o teu cinema querido, o querido da tua predilecção e terás para deslumbramento de todos os teus sentidos, "PARIS" aos teus olhos!... Mas "PARIS" na verdade de um "film" emocional, como é esse da "First National." "PARIS" na loucura das suas mulheres adoraveis e brejeiras como tu; deliciosas e pròvocantes como aquella tua *amiguinha de olhos amendoados*; "PARIS" que ama e que se debruça na torre Eiffel para beijar as "estrelas" e PARIS que se esconde no "Bois de Boulogne" para amar melhor Vae vê "PARIS" no rosario de seus deslumbramentos maiores, com as suas intrigas, seus carinhos, seus theatros e suas illuminarias. Vae vê um palco de PARIS com uma revista formidavel, como nunca viste em tua vida. Scenarios fabulosos, chelo de conjunctos sumptuarios e de visões grandiosas e tudo colorido, finalmente colorido que dá aos olhos uma impressão de realismo chocante. Ouvirás, meu bem, as canções mais harmoniosas que já te acariciaram os ouvidos, em toda a tua vida, canções em francez e inglez que não ficam gravadas no teu pensamento mas se fixam no teu coração porque ellas têm todo o coração da França!... Mas a tua surpresa vae ser no bailarino, Jack Buchanan, que apparece!... Nunca olhos humanos viram pernas tão prodigiosas como aquellas!... Imagina que elle tem passos notaveis, verdadeiras creações, gigantescas creações, perdido no meio de duas centenas de mulheres bonitas que o envolvem!... E é tão bonito o espectáculo é tão bonita e tão insinuante a artista principal, Irene Bordoni, que tu ficas olhando um e outra com vontade de não deixar de olhal-os mais... Está ahí a maneira como, sem nenhum esforço, tu vae reallsar o teu sonho doirado. E realiza-o com volupia vindo em PARIS todo o esplendor da cidade maravilhosa e toda a sua magnifica sumptuarla numa re-producção humana, forte, fidelissima!...



Aqui está um lindo vestido usado por Irene Bordoni, em "Paris". Não é mesmo uma maravilha? Diante de um vestido como este, a gente não resiste. Vae ver "Paris" pelo menos umas cinco vezes.

c i n e m a

«Minha vida com Rodolpho Valentino»

Por NATACHA RAMBOVA

Natacha Rambova é uma creatura linda, cuja vida está celebrizada por um motivo simples: Ella foi a mulher de Rodolpho Valentino, o querido e inesquecível Ruddy.

Nesta pagina continuamos a publicar as confidencias de Natacha sobre aquelle que foi "o namorado do mundo". Para o proximo sabbado reservamos talvez o mais sensacional capitulo desta serie inédita: "As mulheres e os amores de Valentino."

O publico era litteralmente louco por elle. Nesse tempo, o contacto entre o publico e os seus favoritos estava longe de ser desenvolvido como hoje. Elle provocou então um entusiasmo sem precedente. Tiravam os pedaços de suas roupas, de seus lenços, furtavam suas luvas, seus chapéus, e mesmo suas perucas, eram conservadas como lembrança. Era-nos impossivel comer, dormir, vestir e respirar em paz. Nosso trem particular era assaltado, de dia e de noite, por centenas de pessoas, tanto homens como mulheres. Desde que a nossa chegada era annunciada numa cidade os doentes e os velhos deixavam as camas e vinham apoiados em bengalas, para nos ver. Os professores eram obrigados a interromper os cursos, porque os meninos se recusavam a voltar para a escola enquanto não tivessem visto Valentino. Por varias vezes tivemos receio de ser suffocados pelas multidões super-excitadas e, para entrar ou sair de um theatro, era-nos mistér desapparecer pelas sahidas de soccorro. Era evidente que Ruddy mostrava-se satisfeito por esta inverosimil popularidade, porque não ha artista que não seja sensivel a uma homenagem publica prestada ao seu trabalho e á sua personalidade.

Entretanto elle tinha sede de intimidade, o que não lhe era possivel obter, que me seja permittido lembrar aqui um incidente cuja evolução me parece divertida, mas que, no momento em que se deu, não foi encarada dessa maneira.

Um dia nos lembramos de pular uma janella do theatro para que a nossa sahida passasse despercebida. Um das senhoras porém, que nos tinham visto, perseguiram-nos. Julgavamos ter conseguido escapar, quando, subito, um corpo escuro e pesado cahiu sobre os hombros de Ruddy. Era uma joven, loura, alta, e que podia ter vinte annos. Ella abraçou Ruddy, com todas as forças de seus braços, louca de alegria. O pobre Ruddy não poude dansar essa noite. Sua popularidade, verdadeiramente excessiva, tinha-lhe custado um serio "lumbago".

Eu era, ao mesmo tempo, detestada e invejada, não somente pelas mulheres, como tambem pelos homens. Creio que fui a mulher mais impopular dos Estados Unidos. As mulheres invejavam-me porque eu era a esposa de Valentino, e os homens, cujas esposas sonhavam com elle, tinham ciúmes de Ruddy e incluíam-me nas

suas maldições. Ninguem devia invejar a nossa felicidade. Ella era tão pequena! Nós eramos de tal maneira occupados, que raramente tinhamos um momento para consagrar a nós mesmos. Trabalhavamos todo o dia no Sfidio e, quando entravamos em casa, exaustos de fadiga, tinhamos que satisfazer ás mil obrigações sociais que são o preço da gloria.

De tempos em tempos, podiamos tomar ferias e permanecer algumas semanas na nossa "villa" sobre a Riviera. Podiamos enfim nos consagrar a nós mesmos e isto provocava em nós alegrias infantis.

Merecíamos verdadeiramente essas poucas horas que nos refaziam dos nossos trabalhos e dos nossos tormentos.



RUDDY



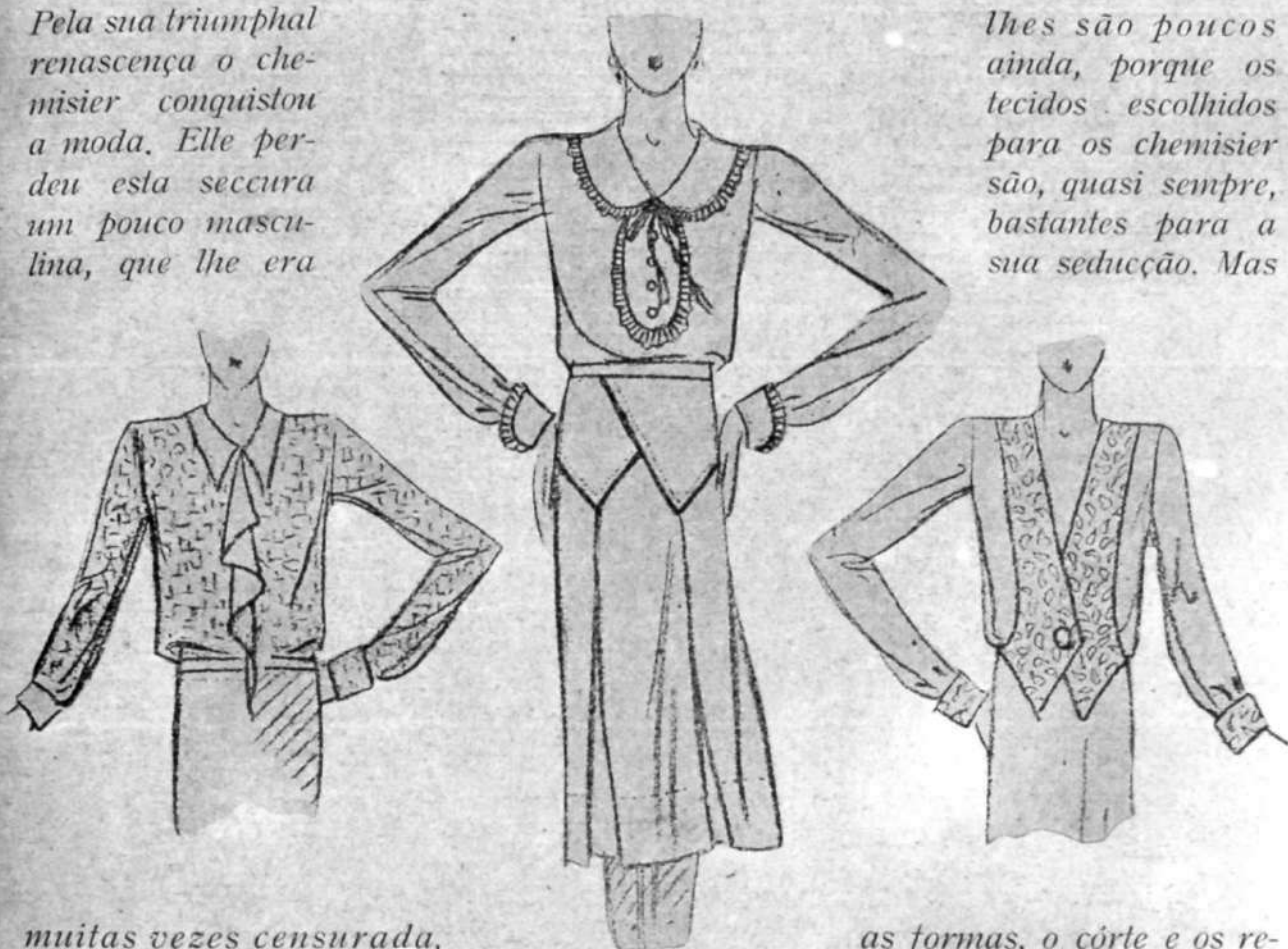
IRENE BORDONI

Segunda-feira Recife vai vê e ouvir "Paris", uma maravilhosa revista colorida e cantada em francez e inglez. Esta é Irene Bordoni, nova "estrella" da First. Lindíssima. Dona de uma elegância que só mesmo Paris pode possuir.

OS DETALHES SOBRE OS CHEMISIERS

Pela sua triumphal renascença o chemisier conquistou a moda. Elle perdeu esta seccura um pouco masculina, que lhe era

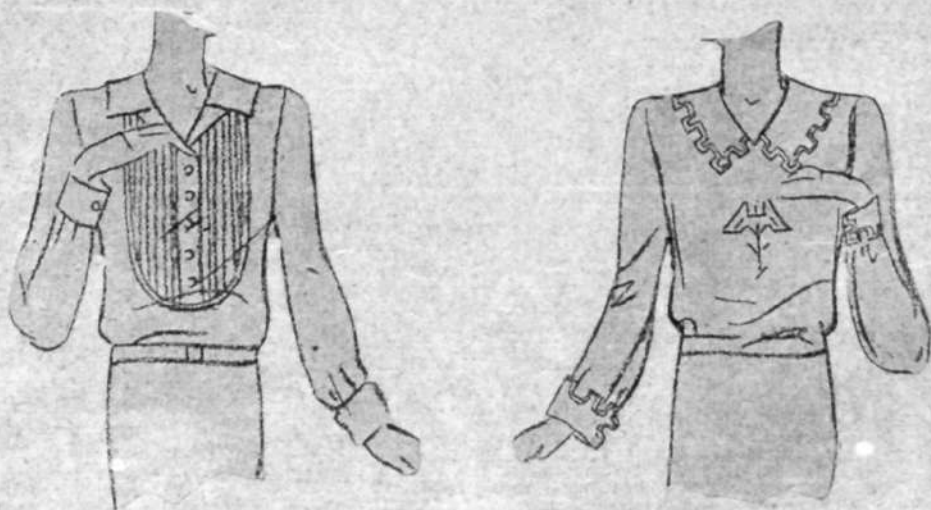
lhes são poucos ainda, porque os tecidos escolhidos para os chemisier são, quasi sempre, bastantes para a sua seducção. Mas



muitas vezes censurada, para se tornar uma peça encantadora do costume, sobre a qual se concentra a imaginação creadora dos modelistas. O chemisier branco domina. Os deta-

as formas, o cõrte e os recõrtes, as parures ousadamente adaptadas que apparecem acualmente nelle tornam-o irresistivel e o farão triumphar por muito tempo ainda.

(Esses modelos chemisiers são de Poirier)



HISTORIA DE BRINQUEDO

(Continuação da pagina 13)

la chorou. Eu enxuguei-lhe os olhos com beijos. E terminamos dispostos a tudo, até a morrer, porque a morte é a coisa em que se pensa com mais extase nessas decisões de amor impetuoso.

A's dez horas eu fui á estribaria, sellei o meu Ventania, passei-lhe a perna e enfié pela noite que era escura de metter-se o dèdo nos olhos.

Quando abri a porteira do cercado, lembrou-me que aquelle atalho de caminho era malassombrado. Os cabóculos juravam que toda sexta-feira, tarde da noite, apparecia ali o espirito de uma velha que tinha dado uma surra na mãe por questões de homem. Fulano já se abufelara com a amaldiçoada. Cicrano corraera com ella na garupa do burro até o terreiro de casa. Com tudo isso na cabeça e mais a escuridão eu estive a ponto de voltar para o caminho mais comprido. Considerando, porem, que não chegaria na hora determinada e provavelmente arrastaria a mala. Entreguei a redea ao Ventania, a alma ao anjo da guarda, e entrei na matta.

De repente o cavallo estacou e ficou bufando. Cheguei a espera no

bicho. Elle deu três saltos e meio e continuou bufando e tremendo no mesmo logar. O logar era a dois passos da morte. De um lado o abysmo. Do outro lado uma barreira enorme. E na minha frente, com certeza, o espirito da velha. Nem ao menos podia voltar, com medo de que ella saltasse para a garupa de Ventania. Puxei a pistola, fiz uma carêta e gritei:

— Quem é lá ?

A resposta foi como o primeiro canto de um frango. O Ventania empinou, a sella foi ao chão, e por felicidade eu fiquei agarrado á crinas, com a pistola instinctivamente apontada para o vulto que continuava a gritar incompreensivel e horrorosamente. Fliz outra careta e dei outro grito.

— Se não fala direito eu atiro !

Foi uma coisa pavorosa.

Nem eu posso descrever, porque o terror se apoderou de mim e disparou todas as balas da pistola. Ah! eu me lembrei de riscar um phosphoro.

Avallie quem era ! Era um pobre-mudo, um primo de d. Sinhazinha da Conceição, todo baleado.

Fugi, então, para bem longe de minha terra...

Cinco annos depois, quando eu voltei para casa, a primeira cara que vi foi a do mudo.

No dia seguinte levei ao cemiterio de Berimbão o marido de d. Sinhazinha.

Depois se soube que ella o envenenara para casar com outro. Esta descoberta, posto não tivesse fundamento, acabou com o seu terceiro noivado e deixou o seu primeiro noivo dando graças aos tiros que deu no mudo por ter não chegado a ser seu marido...

El ella preferiu a morte á viuvez. Morreu com trinta e dois annos.

E foi o seu primeiro noivo que lhe atirou á sepultura a derradeira pá de cal...

— Agora eu vou provar a você como tudo isso não foi senão uma brincadeira inventada só para lhe ensopar os olhos cheios de piedade. Feche os olhos um instante, minha bellezinha.

Antonina fechou os olhos e abriu a bocca, como esperando um bom-bom. Mas, não foi bom-bom. O noivo botou-lhe na bocca meia aberta o beijo que ha dois mēzes o vinha enchendo todo de inquietação.

NÃO SE ILLUDAM!...

O CAFÉ SÃO PAULO

é um producto que se recommenda pela excellencia da sua qualidade.

EXIJAM DE PREFERENCIA ESTA MARCA

Á venda em todas as mercearias e no Deposito á rua do Rangel n. 140

PARA OS IMPACIENTES

E' inconcebivel como o sonho de poder perpetuo, que tem torturado o espirito de todas as olygarchias, reproduz-se em todos os tempos, com extranha impenitencia, apesar dos desenganos da historia e das conclusões de reflexão mais simples.

A palavra de ordem que nós nos transmittimos não pode ser senão perseverar a todo custo; permanecer firmes ao lado da nossa bandeira de principios, firmes na resistencia e na propaganda, embora o regimen que nós combatemos tenha de prolongar-se além de toda presumpção logica e de todo antecedente conhecido; firmes e inquebrantáveis em rechassar as argucias

e os exemplos que convidam a transigir com o que se considera um mal e a participar no que se tem por funesto, invocando fallazes esperanças de evolução e de reacção que até agora não reconhecem o mais inconsistente fundamento em testemunho da realidade.

Por outra parte, os que, para continuar ao nosso lado, necessitam saber se a hora do triumpho está proxima, procederão melhor em satisfazer as suas impacencias e retirar-nos o seu concurso.

Fiquem somente aquelles que não medem a extensão do tempo que passa distante dos afagos do exito e das culminancias,

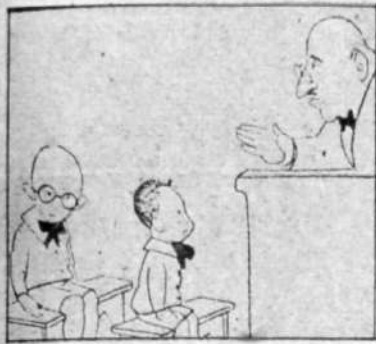
quando se leva na alma a força de uma convicção.

José Enrique Rodó.



— Senhorinha, poderei dansar o proximo fox ?

— Certamente, si encontrar companhia.



— Sim, senhores; as aranhas tem oitenta olhos.

— Que cousa horrível! Quanto gastarão os seus paes comprando oculos para as myopes!

(Do "Passing Show", Londres)



O COMPRADOR DE GARRAFAS— Pode vender-me garrafas de cerveja vasia?

A SENHORA — Terrei eu, por acaso, cara de beber cerveja?

O COMPRADOR DE GARRAFAS— Está bem. Terá então a senhora, garrafas de vinagre?



O COMMISSARIO — O senhor é um homem honrado uma vez que devolve uma carteira perdida na rua.

OHOMEM HONRADO — Para que é que eu queria uma carteira vasia?

(De "Gutiérrez Madrid")

A INDIA MARCHA

junto ao mar ao redor de cujo balde de sal fareja a historia mundial.

Muito mais de 200 milhões de hindús de todas as castas existem além de Gandhi, o nacionalista. Elle conseguirá unil-os para

junto ao mar. Um homem grande — um Rutti gigante? Da multidão immensa e anonyma um homem de, puro, do paiz do sofrimento contra o paiz das negociatas e dos negocios. Porém, já frequentemente na historia o sofrimen-

to tem sido mais forte do que as negociatas.

Silencio na noite. Um verme rói o imperio. Gandhi attingirá o seu mar?

Rudolph Stratz

MEL DE ENGENHO "ROSARINO"

O sr. A. Araujo teve a gentileza de offerecernos um presente gostosissimo: algumas latas do mel de engenho "Rosarino", saborosa e delicada sobremesa, como vem dito no rotulo. Acontece que nem todos os rotulos dizem verdades. Mas desta vez houve até modestia nos termos. O mel de engenho "Rosarino" é realmente extraordinario e "P'RA VOCE" garante que o provou deliciada.



— Deixa-te de historias, Maria. O teu noivo, em assumptos de sport, ainda não passou da canõa...



Sobretudo de gabardine para meninos de 6 a 15 annos

Pelerines de cazemira com Capur

Capinhas e casquinhas de malha para creancinhas

Casacos de malha para senhoras

Sobretudo para homens. O maior e o melhor sortimento de artigos para agasalho na

MAISON CHIC

265 — RUA NOVA

"PRESTAM CONTAS 24 HORAS DEPOIS
DE EFFECTUADO O LEILÃO"

Eusebio Simões & Djalma Simões

— LEILOEIRO —

ESCRITORIO E ARMAZENS:

Praça Barão de Lucena ns. 6 e 10

Phone = 6568

O auctor do "Paraíso Perdido"

Milton, a quem Lamartine chamou "o Belisario dos poetas" rodeado de decepções e de inimigos, retirou-se para sua casa em Londres, depois de ter sido personagem de forte e combatida significação na vida politica e nas controversias religiosas da igreja anglicana.

Immiscuindo-se em todas as rebeldias contra a auctoridade e os actos de Carlos I da Inglaterra, mereceu a confiança do Protector, que o nomeou seu secretario; porém nem mesmo Oliverio Cromwell guardou fidelidade ao amigo, nos ultimos tempos.

Queixando-se da ingratição dos seus amigos, não esquecia os nomes de Galileo, de Torquato Tasso, do cardinal Barbarini e de Holstein, o bibliothecario do vaticano, com quem travou amizade durante sua permanencia na Italia e com os quaes manteve sempre sinceras relações.

Quando seus olhos se apagaram e sua vida não foi mais do que um conjunto de lembranças, resolveu dar inicio a "O Paraizo Perdido", do qual havia composto alguns fragmen-

tos nos dias mais agitados de suas contradições politicas, e fel-o, segundo Lower e Augusto Cecil, constrangido pela miseria que o rodeava. Publicado seu poema em 1669, não poudo cobrar as quinze libras esterlinas, com as quaes o havia vendido ao impressor, até apparecer a terceira edição, quando já contava sessenta annos de idade.

Faltando-lhe a vista, teve de recorrer ao exilio de suas filhas, a quem dictava, pela manhã, as concepções poeticas que havia sonhado durante a noite. Na solidão e no silencio, enquanto Londres dormia, creava as vigorosas phrases, sem igual na litteratura ingleza, e escutava, dentro de si, na obscuridade, a harmonia dos seus versos immortaes, polindo-os, limpando-os, dando-lhes flexibilidade e graça, com a paternal solicitude com que se acaricia um filho que não se vê.

Infeliz em seu primeiro casamento com Mary Powel, porém reconciliado com ella quando pretendia se casar com outra mulher, aproveitou

muitas das sensiveis e amorosas phrases de sua esposa, segundo a affirmação dos seus contemporaneos, para cantar poeticamente a scena do perdão entre Adão e Eva depois do peccado original, assim como muitas das phrases mais bellas de amor, eram um melancholico echo de seus dias felizes, ao lado da sua terceira esposa, Elisabeth Minshall, que foi o apoio e o estímulo do poeta nas ultimas crises da sua vida, quando a cegueira, a velhice e a miseria combateram aquella natureza extraordinaria de luctador sempre derrotado.

Em Milton, tinham perfeita applicação as palavras de Dante: "Não ha maior dôr do que se despertar dos tempos felizes na desgraça"; a grandeza e exactidão desta phrase da "Divina Comedia" calharam em cheio na alma do poeta do "Paraizo Perdido", que, privado da contemplação e gozo da luz do sol, que antes admirára, necessitava da visão dessa mesma luz para banhar, em claridades de céu, o espaço vazio e os mundos que acabavam de nascer ao som da voz eterna de Jeovah.

O CAFÉ SÃO PAULO

entregou ao consumo publico durante o

anno proximo findo

Duzentos e noventa e sete mil kilos (297.000)

de artigo de primeira qualidade com a unica marca de sua propriedade,

batendo o "record" dos cafés moidos do Recife.

PARIS! -

REVISTA COLORIDA
E CANTADA EM
FRANCEZ E INGLEZ

A
C
O
M
E
Ç
A
R
D
E
S
E
G
U
N
D
A
F
E
I
R
A
-26-

N
O
P
A
R
Q
U
E

A GLORIA MAXIMA DE

IRENE BORDONI

A FORMOSA E NOVA ESTRELLA DA





**A
MAIOR
CONCEPÇÃO
MODERNA
PARA O LAR**

REFRIGERADORES

DA

GENERAL ELECTRIC

INFORMAÇÕES

NO

SALÃO DE DEMONSTRAÇÕES

DA

PERNAMBUCO TRAMWAYS & POWER CO. LTD.

Rua 1.º de Março, 106 - Telephone n. 6728

R-2